



DEPÓSITO LEGAL  
OUT 1945



A BELEZA, ILUMINADA  
PELO AMOR, É ASSIM

**MUNDO  
GRÁFICO**



# O TIO BILL

pelo Comandante de esquadrilha  
CHARLES GARDNER

O «orgulhoso 14.º» — esse grande exército britânico que desbaratou três exércitos japoneses, forçando-os a recuar 1.300 milhas pela selva e pela planície, por montes e vales e através de grandes rios, num calor de endoidecer e debaixo de chuvas torrenciais — o temível 14.º é um exército que é uma família, o exército que talvez melhor se conheça a si próprio e que mais confiança tenha em si, de todos quantos existem no mundo.

A comandá-lo está o «Tio Bill» Slim, um homem condutor de homens — e de homens que estão satisfeitos que éle os conduza.

Não é tarefa fácil ser o chefe desta família composta de soldados britânicos, índios e africanos. Estas tropas estão sazonadas e rijas, experimentadas na batalha e exigentes. O homem que as conduz tem que medir-se pela sua própria bitola e tem que a exceder. Tem que lhes merecer a confiança e o respeito, tanto da parte do soldado como do oficial. Bill Slim merece-o, sabe que o merece e o 14.º também o sabe.

## Um símbolo de batalhas sangrentas

O escudo vermelho com a espada branca, que o próprio General Slim desenhou para insignia do 14.º exército, é mais do que um emblema bonito para ter no braço: é o símbolo comum de batalhas sangrentas travadas por esse punhado de homens.

Desde o princípio até ao final da campanha da Birmânia, o «Tio Bill» conduziu virtualmente as mesmas divisões. Todas elas combateram lado a lado. Os seus oficiais conhecem-se reciprocamente e o mesmo se dá com as praças. Deveria, normalmente, ter sido uma desgraça para o general Slim não lhe terem aparecido os reforços que lhe prometeram, mas éle soube tirar proveito desta decepção. «Quanto menor fôr o nosso número melhor nos conheceremos mutuamente», disse éle.

Cosa semelhante deve a Inglaterra ter sentido em 1940.

O resultado da orientação do general Slim e do treino a que sujeitou as suas tropas é a Birmânia libertada e uma dúzia de divisões, cada uma das quais estaria pronta a lançar-se em defesa do seu direito a ser considerada a melhor do exército britânico. O «Tio Bill» ouve falar destas discussões e sorri. «Das minhas divisões nenhuma é superior às outras», diz éle, «mas tenho um exército soberbo».

Que espécie de homem é este general Bill Slim, este homem que o mundo conhece tão pouco e os japoneses conheceram tão bem?

É um oficial de carreira dos regimentos Gurkhas, mas um oficial de carreira que já fez serviço nas fileiras. É um homem habituado a conseguir o que quer, mas a conseguí-lo honestamente e não por portas travessas. A falar, a sua linguagem é rude, mas é um escritor delicado e de grande sensibilidade. É um homem de acção, mas um homem cujo principal divertimento é observar a vida das aves. É, em

(Continua na página 14)

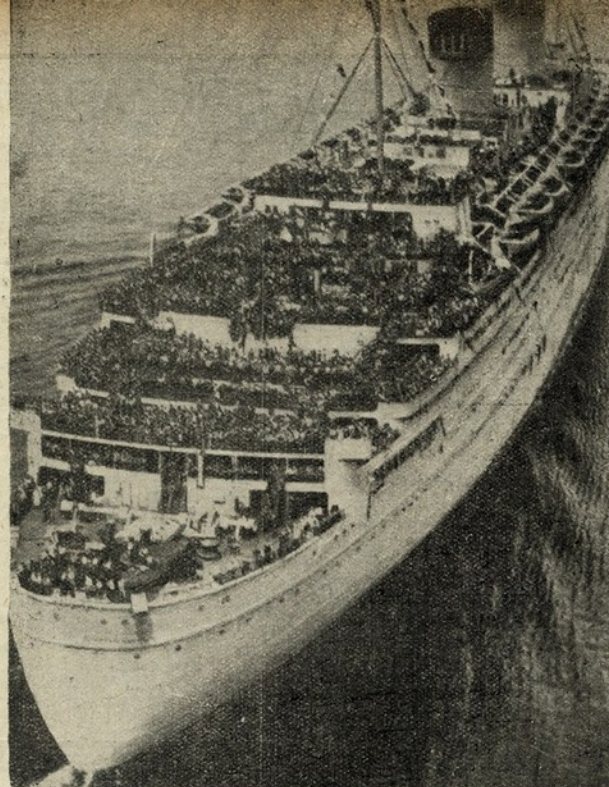


O general sir William Slim; marechal do ar; S. F. Vicente, comandante do 221.º corpo do exército e o general H. M. Chambers, comandante da 26.ª divisão, que ocuparam a cidade de Rangoon, na Birmânia



O general William Slim, comandante do 14.º exército, ao lado da insignia das suas tropas





Soldados americanos, que se bateram na Europa, regressam à pátria a bordo do grande paquete inglês, transformado em transporte de guerra, «Queen Elizabeth»

# O QUE FEZ CADA QUAL CONTRA O JAPÃO

**S**E bem que, de tódas as nações ocidentais, os Estados Unidos tenham sido a que maiores encargos suportou na guerra contra o Japão, tódas as Nações Unidas contribuíram de maneira importante para a vitória no Pacífico. Algumas contribuíram com homens, outras com navios, outras ainda com matérias primas, apetrechos de guerra e alimentos, mas tódas empenharam o máximo das suas possibilidades para derrotar o Japão e assim terminar a história da agressão e da conquista na Ásia, iniciada com o ataque à Manchúria, em Setembro de 1931.

Ao findar o conflito, estavam em guerra com o Japão 48 nações, qualquer delas consagrada ao extermínio das forças do militarismo e da conquista.

Quasi dum dia para o outro, o poder e a força industrial dos Estados Unidos foram mobilizados para a guerra. As nações ocidentais, uma após outra, reconheceram a ameaça à sua existência nacional e acompanharam rapidamente os Estados Unidos — se não com a declaração de guerra, pelo menos com garantias de auxilio militar e material, alimentos e outros fornecimentos.

A Grã-Bretanha, apesar de envolvida numa luta de vida ou de morte com a Alemanha nazi, enviou milhares de homens e milhares de toneladas de armas para a Índia, em 1942, para ajudar a equipar um exército indiano de 2.500.000 voluntários. Nessa ocasião, a poderosa Marinha Real apenas podia dispensar alguns navios do serviço de escolta no Atlântico, mas muitas unidades foram enviadas para o Pacífico.

As forças americanas aquarteladas na Austrália receberam deste país uma grande parte dos seus abastecimentos, ao abrigo de disposições análogas à Lei de Empréstimo e Arrendamento. A Noruega esteve ocupada por tropas alemãs, durante a maior parte da fase europeia da guerra; no entanto, a sua grande marinha mercante desempenhou um papel importante no transporte de homens e material para as bases do Pacífico, a fim de serem empregadas contra o Japão. A Grécia, a Bélgica, a Holanda, a Dinamarca e a França, igualmente ocupadas e saqueadas pela Alemanha, também contribuíram com navios ou abastecimentos, assim como com homens, para a causa aliada.

Na América Central, a Costa Rica declarou guerra ao Japão ainda antes dos Estados Unidos e, imediatamente, facilitou terrenos para a construção de bases destinadas à protecção do Canal de Panamá e ao serviço de patrulhas anti-submarinas. Suprimiu a actividade das nações inimigas e dos seus simpatizantes que, em grande número, existiam na América Latina, e, em 1943, aprovou uma lei permitindo o alistamento de costa-ricanos nas forças armadas dos Estados Unidos. Forneceu à causa aliada grandes quantidades de cânhamo, borracha e chinchona — a que se extrai o quinino — e enviou milhares de toneladas de frutas e hortaliças às forças dos Estados Unidos estacionadas na zona do Canal do Panamá. Como prova final da sua solidariedade com as Nações Unidas, a Costa Rica contribuiu com 122.886 dólares em dinheiro para o Fundo Nacional de Guerra dos Estados Unidos — dádiva extraordinária, porquanto a população total do país é apenas de 650.000 habitantes.

Outros países latino-americanos apressaram-se a associar-se ao esforço de derrotar os japoneses. O Brasil, com a maior população de todos os países da América do Sul, alinhou ao lado das democracias, logo após o ataque japonês a Pearl Harbour.

Com os seus vastos recursos naturais, foi grande a contribuição do Brasil em substâncias minerais tais como ferro, manganês, mercúrio, cromo, diamantes e também borracha. Forneceu grandes quantidades de café, cacau e outros mantimentos. Ao mesmo tempo, enviou para a Europa duas divisões das suas tropas que se juntaram aos aliados ocidentais e, cooperando com as armas aliadas, manteve um serviço de patrulhamento anti-submarino no Atlântico Sul.

O Equador, no começo da guerra, cedeu aos Estados Unidos bases nas Ilhas Galapagos, no Pacífico, não longe do Canal do Panamá, outro elo da cadeia de bases necessários à protecção dessa vital via marítima. A principal contribui-

(Continua na página seguinte)

## LAMINAS

Gillette continua a ser o mais perfeito sistema de barbear que existe no mundo. Nenhum outro processo lhe poderá dar uma barba mais bem feita; desde que empregue as lâminas Gillette Azul ou Gillette Dourada, obterá a perfeição.



## GILLETTE

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA



# O QUE FEZ CADA QUAL

(Continuação da página anterior)

ção prestada por este país à guerra contra a agressão traduziu-se em mercadorias e madeiras de balsa, muito usadas em salva-vidas para a aviação e em pontões.

O Panamá, flanqueando o Canal do mesmo nome, pôs à disposição dos Estados Unidos posições de defesa logo no princípio de 1941. Depois de 7 de Dezembro, ajudado na construção de estradas militares vitais dentro do seu próprio território, as quais manteve em bom estado de conservação, e contribuiu com generosas quantidades de borriacha em bruto, madeiras rijas e leves e fibras de abacá. A borriacha e o abacá constituíram importantes contribuições desde que a ocupação japonesa das áreas do Pacífico, que os produzia, cortou o fornecimento dos mesmos.

A contribuição da Guatemala foi, principalmente, agrícola. Desde o princípio da guerra aumentou a sua produção de trigo, café, milho e açúcar, e fez novas culturas de artigos mais escassos, necessários ao esforço de guerra, tais como quinino (chinchona), árvores de borriacha, plantas medicinais e textéis, vegetais e plantas para extração de óleos essenciais e insecticidas. Forneceu nove milhões de pés de mogno e vastas quantidades de balsa para as indústrias.

A Bolívia contribuiu com estanho e muitos outros minérios vitais: tungsténio, antimónio, cobre, bismuto, chumbo e zinco.

As Honduras forneceram géneros alimentícios, borriacha e textéis.

Cuba deu facilidades territoriais, bases aéreas e portos, e a sua pequena marinha de guerra foi utilizada para manter abertas e livres de submarinos as três vitais rotas marítimas — Passagem de Barlavento, Canal de Yucatan e os Estreitos de Flórida.

O Chile abasteceu as indústrias de guerra das Nações Unidas de nitratos, cobre e outros materiais de guerra.

A Índia, com os seus 2.500.000 homens em armas, enviou grande número de soldados para a guerra contra o Japão. As indústrias de guerra da Índia expandiram-se rapidamente desde 1941, incluindo a construção de pequenos barcos e a produção de tecidos, géneros alimentícios, madeiras de construção, aço, munições, aviões e ferramentas, e produtos químicos. As suas minas forneceram carvão e vários metais.

As tropas e os recursos canadenses foram empregados principalmente na Europa, mas o Canadá também enviou soldados, aviões, barcos, armas e munições para o Pacífico.

A China esteve em guerra com o Japão desde 1931, quasi três vezes mais que o tempo de guerra de qualquer outra nação, e manteve-se o melhor que pôde contra a superioridade militar inimiga, embora ao tempo armada com pouco mais que a sua vontade de viver. Quando as suas cidades costeiras foram ocupadas pelos japoneses, 40.000.000 de chineses moveram-se para o ocidente, carregando com eles mais de 500 fábricas e 150.000 toneladas de máquinas. Por volta de 1940 estabeleceram-se finalmente e começaram a utilizar-se de 70% da sua capacidade fabril na produção de equipamentos militares.

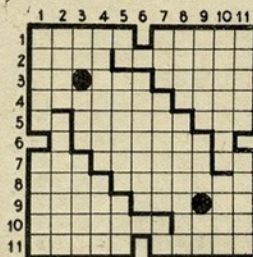
A China tinha cerca de 6.000.000 de soldados e o dobro deste número, ou mais, em instrução, os quais estiveram ao serviço das Nações Unidas. Milhares de lavradores e trabalhadores chineses construíram imensas bases aéreas donde as super-fortalezas «B-29» partiram para atacar o Japão, até que, com o tempo, se ocuparam e melhoraram bases em ilhas mais próximas do objectivo.

O exército do extremo oriente da Rússia neutralizou por longo tempo milhares de tropas japonesas na fronteira siberiana da Manchúria, e a sua posição na Península de Kamchata, proverbialmente conhecida como uma pistola apontada à cabeça do Japão, constituiu uma ameaça que não pôde ser ignorada ou menosprezada.

A contribuição total da Rússia para a guerra contra o Japão é, presentemente, difícil de avaliar-se, mas a imobilização na Ásia a que forçou poderosos exércitos japoneses foi um factor notável.

Os Estados Unidos, porquanto forneceram milhares de aviões e milhões de soldados e abastecimentos para a guerra contra a Alemanha, serviram-se, contudo, da sua enorme capacidade produtiva e facilidade industrial para levarem a bom termo a guerra contra o Japão. Por volta de 1 de Agosto de 1945, calculou-se em cerca de 1.500.000 o número de soldados americanos aguardando, na área do Pacífico, o dia do assalto final às ilhas metropolitanas japonesas, completamente equipados e soberbamente treinados para a tarefa. Um número igual, ou talvez maior, encontrara-se a caminho do Pacífico ou estava preparado a emprender a viagem. Uma grande massa do crescente poder da sua marinha de guerra foi transferida para o Pacífico e estava pronta a tomar parte nas operações anfíbias contra o Japão. Assim ameaçado por irresistíveis forças militares e navais e cercado pelo mundo resolvido a pôr fim, para todo o sempre, à ameaça de agressão e militarismo, o Japão viu-se na alternativa de renacção ou extermínio.

# PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 119

## HORIZONTAIS

- 1 — Região dos gentios «Papeias» na Guiné portuguesa; Grupo de montanhas do centro do Tessino, onde se acha uma das nascentes do Reno.
- 2 — Põe-se de mau humor; Preferem.
- 3 — Leão; Benévolo; Espaço compreendido entre duas peregrinações, numa viagem.
- 4 — Vila e concelho do distrito de Viseu; Aroma.
- 5 — Nota de música; Levantam (um monumento); Espaço de tempo.
- 6 — Dividiam em lotes.
- 7 — Também não; Utensílio para imprimir em lacre; Art. (pi.).
- 8 — Lavras; Um dos tempos da conjugação grega (indica acção passada).
- 9 — Moeda siamesa; Cloreto de sódio; Artigo (ant.).
- 10 — Aumente a velocidade; Tempo do verbo haver.
- 11 — Sacerdotes budistas; Lago entre a Itália e a Suíça onde se encontram as lindas ilhas Borromees.

## VERTICAIS

- 1 — Trivis; Um dos Estados da União Sul Africana.
- 2 — Afecção; Valorosa nação que contribuiu com os seus filhos e com os seus formidáveis recursos materiais para a grande Vitória das Nações Unidas.
- 3 — Alternative; Produto das Abelhas; Enfadem.
- 4 — Estandartes dos antigos exércitos romanos; Compartimento de uma casa.
- 5 — Preposição e artigo; Esquecis; Soletria.
- 6 — Mariolos.
- 7 — Lige; Examinara com cuidado; Preposição.
- 8 — Índice a data; Grupo de rãs de caça.
- 9 — Doce de urva; Espaço de tempo; Gemido.
- 10 — Vasta região ao norte da Suécia, Noruega e da Rússia; Rio que banha L'ibos.
- 11 — Amargo; Morada de família nobre e antiga.



Solução de problema n.º 118

## Livros Novos

### «O JOVEM DE CARÁCTER»

EM tradução do sr. Joaquim Maria Lourenço, foi publicado, agora, o livro do dr. Thiamér Toth, intitulado «O Jovem de Carácter».

Trata-se de uma obra que, como se depreende do seu título, se propõe influir benéficamente na formação moral da gente moça. E cremos que, após a sua leitura, os louváveis intuídos do autor serão atingidos.

Numa exposição clara e intuitiva de conceitos, o educador justifica com elucidativas transcrições e comentários, o fim que pretende atingir.

Dissemos acima que o espírito deste livro será de facto útil à juventude; mas melhor diríamos que a sua influência igualmente se tornará necessária a algumas pessoas desviadas e às quais não podemos, com justiça, classificar de jovens.

A edição da «Coimbra Editoras», de Coimbra, é graficamente muito cuidada.

## Rubaiyat

Edward Fitzgerald mandou a Quarterly Review a tradução que fizera de Rubaiyat, de Omar Khayyam. Tiveram-na lá durante quatro anos, findos os quais a devolveram, por não interessar. Fitzgerald fez, então, uma edição por sua conta, mas não houve venda alguma.

Finalmente, já aborrecido, resolveu oferecer os exemplares todos a Bernard Quaritch, um livreiro seu amigo. Gradualmente, o preço inicial de 5 d. baixou para 26 s, finalmente, para 1 d.. Num velho caixote, à porta do estabelecimento, descansava a primeira edição, ao preço de 1d..

Um dia, um curioso, que costumava rebuscar as livrarias, encontrou o Rubaiyat e leu umas passagens. Este curioso era Dante Gabriel Rossetti.

Excitado pela descoberta, voltou no dia seguinte com um amigo — Swinburn, o poeta — que comprou quatro exemplares. Desde esse momento, o futuro do livro estava assegurado.

(Life Digest)



# REFLEXOS DO MUNDO



Um veterano da Marinha de Guerra Inglesa, vencedor de muitas batalhas, voltou a Inglaterra com esta mascote que trouxe de um dos seus cruzeiros vitoriosos.

equipa o que pretende durante o jogo.

Um fato de banho insubmersível.

Uma máquina de barbear eléctrica, na qual se pode regular a temperatura.

Um cigarro com um cinzeiro feito de fibras, muito finas, de vidro, que vão recolhendo as cinzas do cigarro que se fuma.

Uma chapa especial para colocação nos dedos das senhoras e que permite uma pintura mais rápida e fácil das unhas.

E' consolador ver que os inventores não se esqueceram dos problemas mais pequenos da vida caseira, principalmente o da máquina de barbear eléctrica.

(Edinburgh Evening News)

## Os fósforos e a umidade

Há muitos pontos no Globo onde os fósforos não podem ser utilizados depois de terem estado em contacto com a atmosfera, durante alguns segundos. Há até casos de mortes de muitos exploradores e aventureiros que, embora com fósforos, não conseguiram acender o lume necessário para a sua alimentação e aquecimento nas regiões árticas.

Para obviar a esse inconveniente foram feitas caixas impermeáveis mas uma nova descoberta substituiu com vantagem a primeira. Esta última deve-se



## ALEGRIA DO REENCONTRO

Separaram-se no princípio da guerra, cada qual foi cumprir o dever que a Inglaterra lhes pediu. Ambos se bateram pela liberdade do mundo e, neste reencontro, terminada a luta, ela chora de alegria

principalmente às Forças Armadas Americanas: a protecção das cabeças com uma fina película impermeável à água.

Os resultados foram tão satisfatórios que estes mantiveram as suas propriedades depois de terem estado durante alguns

dias numa atmosfera muito úmida e suportando uma alta temperatura.

(Meccano Magazine)

## O Tunnel do Canal da Mancha

Uma das grandes empresas à qual esteve associado Sir Henry Strakosch foi o discutido plano do túnel da Mancha.

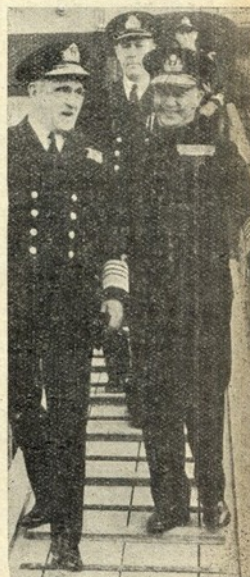
Durante sessenta e dois anos, existiu a companhia que se formara para a sua construção. Cerca de 2 000 jardas foram construídas, mas a Câmara dos Comuns viu que o plano não ia mais além.

Muitos homens de Estado e autoridades do Exército e da Armada se opunham, enérgicamente, à sua construção.

Goscher, o ministro das Finanças, opondo-se à construção, declarou uma vez que, se o túnel já existisse no tempo de Napoleão, este nunca teria morrido em Santa Helena.

— Não — retorquiu um ovinite. — Teria morrido no Canal!

(The Star)



O comandante em chefe da Armada chinesa visita Portsmouth. É o almirante Chen Shao-Kwon, saindo de uma das unidades da Royal Navy, ao lado do almirante Sir Geoffrey Layton

## Massacres em Nankin

Os massacres de Nankin realizaram-se em Dezembro de 1937, data em que os soldados japoneses fizeram uma carnificina em que morreram 33.000 chineses. Dizia o «New York Times» que «os morticínios e a rapina realizadas pelos japoneses excedem em barbaridade tudo o que até hoje se tem verificado no decurso da guerra sino-japonesa».



Não há dúvida alguma que este expressivo fragmento da erigente óguta eland, que o nazis quiseram espalhar por todo o mundo, ficará muito bem como elemento decorativo de qualquer museu britânico

## Mundo de Amanhã

As séries de aviso de ataques aéreos, cujo uivo horrendo anunciava o princípio e o fim dos ataques da Luftwaffe e das armas secretas, calou-se com a derrota da aviação alemã e com a conquista pelos Aliados das bases de lançamento das bombas voadoras e bombas foguetes. Mas as séries estiveram, realmente, caladas durante muito pouco tempo. Nas regiões campestres da Grã-Bretanha, vão agora ser usadas como alarmes de incêndio. As séries ferão soar o «tudo limpo», recordando, assim, aos habitantes da Grã-Bretanha o termo dos violentos ataques dos alemães contra a população civil britânica.

## Maravilhas de amanhã

Para o caso de os nossos leitores pensarem que o génio inventivo está de tal maneira ligado ao esforço de guerra e que não há tempo para pensar em problemas mais humanos e sociais, citamos, a seguir, algumas patentes registadas nos Estados Unidos:

Um elmo para os jogadores de futebol com um aparelho receptor que permite ao treinador dizer aos elementos da sua



# A SOLIDARIEDADE OCIDENTAL

LONDRES é o centro de uma intensa actividade diplomática relacionada com a construção da paz. Além das reuniões de decisiva importância do conselho de ministros dos Negócios Estrangeiros das grandes potências e da Comissão Instaladora da Liga das Nações Unidas, a capital britânica foi, recentemente, visitada por uma série de personalidades de primeiro plano na vida internacional. São da maior transcendência os assuntos de ordem política económica, financeira e estratégica que ali têm sido tratados durante as últimas e agitadas semanas.

Não é de estranhar que os preparativos para a realização da paz que deve sair da última guerra apareçam rodeados de dificuldades que não há nenhum interesse em ocultar ou diminuir. A liquidação de todas as guerras de coligação foi sempre morosa e difícil. Muito mais morosa e difícil terá, certamente, de ser quando os homens encarregados de a realizar se encontram animados pelo objectivo de fazerem com que a ameaça de novas guerras desapareça para sempre da face do mundo.

A reunião do conselho dos ministros dos Negócios estrangeiros das cinco grandes potências, que uma vez liquidada a luta no Extremo Oriente podem finalmente realizar uma obra de conjunto, é geralmente considerada como o prólogo da Conferência da paz que ninguém sabe quando nem como se realizará. A natureza e a gravidade dos problemas que nela estão a ser tratados levam a encarar, com a maior circumspecção, a evolução dos seus trabalhos. O progresso positivo realizado com a criação desse conselho na recente conferência dos «três grandes», realizada em Potsdam, não pode ser anulado sem grave prejuízo para o princípio da cooperação Inter-aliada.

A comissão instaladora da nova Liga das Nações Unidas, fundada na Conferência de S. Francisco, tem trabalhado incansavelmente durante as últimas semanas e tudo indica que a Assembleia geral do novo organismo de segurança possa ser convocada ainda antes do fim do corrente ano.

A visita de numerosas personalidades categorizadas da vida internacional à Grã-Bretanha coincidiu com a realização das reuniões e conferências a que nos referimos. Com a presença do ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Georges Bidault, e a viagem a Londres do chefe socialista Leon Blum, a ideia da formação de um bloco de nações ocidentais voltou a ser agitada.

Evidentemente, qualquer ideia de bloco ideológico ou de associação estratégica parece votada a um malogro certo. Mas o pensamento tradicional de fazer coincidir as afinidades de toda a ordem que, no decurso da história, sempre cimentaram a solidariedade do ocidente para a realização de objectivos comuns, está a ser encarado com a maior atenção mesmo nos meios que, ainda há pouco, se recusavam a reconhecer o mérito e a influência positiva de uma tarefa dessa natureza.

As palavras do general De Gaulle, na entrevista concedida ao «Times», as declarações do ministro, Georges Bidault, e a visita a Londres de Leon Blum não podem dissociar-se na fase actual da evolução da Europa. Esta precisa, para se recompôr rapidamente, de um trabalho urgente de compreensão recíproca e isento de pensamentos reservados e depois preconcebidas.

O OBSERVADOR

## O julgamento dos criminosos de guerra

Na zona do território do Reich, confiada à autoridade do governo britânico, iniciou-se o julgamento dos primeiros criminosos de guerra alemães. Depois dos culpados pelas atrocidades praticadas nos campos de concentração, execrável memória, iniciar-se-á, segundo todas as probabilidades, o das personalidades mais destacadas do regime nacional socialista, vinte e quatro das quais já foram designadas para esse efeito pela comissão encarregada de apurar as suas responsabilidades efectivas, comissão na qual estão representadas as três grandes potências vencedoras.

Trata-se de um assunto da maior delicadeza a respeito do qual há toda a vantagem em deixar que os factos e as provas falem. O que está a passar-se com a organização dos respectivos processos na Europa quando conjugado com os episódios que estão a registar-se no Japão levam a concluir que os vencedores da última guerra se propõem exercer uma justiça serena e imparcial isenta da mácula dos ódios sectários e suspeitos.

★

## O problema da Índia

A última declaração do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, Clemente Attlee, não deixa dúvidas sobre o espírito conciliador e compreensivo que anima dos actuais dirigentes daquele país para se encontrar uma solução equitativa e humana para o delicadíssimo problema do futuro da Índia.

Essa declaração coincidiu com o regresso de Lord Wavell que, apesar de todas as contrariedades suportadas, ainda não manifestou o mais ligeiro sinal de desânimo ou de hesitação nas negociações que, incansavelmente, tem realizado com os chefes dos vários partidos indianos. A sinceridade de Attlee, a boa vontade de Lord Wavell e a pertinácia de Sir Stafford Cripps conjugam-se, neste momento, para afastar definitivamente os obstáculos que até agora se têm oposto a uma liquidação do delicado problema da Índia.



## MOUNTBATTEN

por HARLEY V. USILL

*NÃO há, provavelmente, instituição mais democrática no mundo do que a Marinha de Guerra Britânica — porque a promoção aos altos comandos baseia-se, única e exclusivamente, no merecimento pessoal. O nível de eficiência exigido é tão elevado que, sejam quais forem as vantagens de ordem social que um homem possuía, nunca pode subir para além do limite da sua inteligência e da sua habilidade. O pai de Lord Louis de Mountbatten era o Príncipe Louis de Battenberg, Almirante da Esquadra, e a sua mãe era neta da Rainha Victória. No entanto, Lord Mountbatten teve de começar no primeiro degrau da escala, como cadete em Dartmouth e, depois, como aspirante, em 1916, teve a honra de apanhar a sua mace no navio almirante, sob o comando do Almirante Beatty, no H. M. S. «Lion». Dois anos mais tarde, com a idade de 18 anos, era imediato num navio de escolta no Mar do Norte e, em 1918, segundo tenente a bordo do submarino P.-31.*

*A seguir à primeira guerra mundial Mountbatten podia ter-se amesandado na rotina normal da Marinha de Guerra, em tempo de paz, mas em 1920 foi escolhido para acompanhar o Príncipe de Gales na sua visita à Austrália e à Nova Zelândia e, dois anos mais tarde, acompanhou o mesmo Príncipe na sua visita à Índia, ao Japão e ao Extremo Oriente. Mesmo nos seus sonhos mais loucos nunca poderia ter imaginado que voltaria ao Extremo Oriente como Co-*

(Continua na pág. 30)

## MUNDO GRÁFICO

Director: **ARTUR PORTELA**Chefe de Redacção e Editor: **REDONDA JÚNIOR**

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

REVISTA QUINZENA

PROPRIEDADE DO MUNDO GRÁFICO, LDA.

Composição e impressão: Neogrevura, Ld.ª — Travessa de Oliveiro, à E. strêto, 4 e 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1580

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA





Acabou o pesadêlo! Londres e New-York festejam a merecida vitória, a primeira baluarte da defesa da Europa, a segunda o grande arsenal das democracias. Os habitantes de ambas podem considerar-se cidadãos do mundo, pela valentia que deram provas, libertando-o da tirania nazi-facista. As dactilógrafas da 5.ª Avenida dançam sobre espessos tapetes de papelinhos. E' a neve da paz que cai, finalmente

# O QUE AS NAÇÕES UNIDAS ESPERAM DA PAZ

**O** S homens de Estado que dirigiram durante a guerra os destinos das Nações Unidas e que, com a sua acção sem precedentes na história, realizaram a maior vitória militar de todos os tempos, e especialmente os dirigentes das três grandes potências que construíram essa vitória, nunca deixaram de afirmar que a unidade da sua acção deveria prolongar-se para além do período das hostilidades, na construção duma paz estável e duradoura.

A Carta do Atlântico, de Agosto de 1941, é o primeiro do-



Depois da noite ruidosa e efervescente com que se celebrou o dia V-J., vitória sobre o Japão. Os pares dormem abraçados nas ruas de Londres





No Trafalgar Square, a ronda da noite, a ronda da vitória

cumento em que essa aspiração aparece inscrita com uma eloquência que nunca mais deixou de impregnar todas as manifestações públicas dos chefes responsáveis pelos destinos dos grandes povos vencedores. «Depois da completa destruição do nazismo, dizia o artigo 6.º dessa Carta de princípios, e da tirania que éle representa, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos afirmam o seu desejo de ver estabelecida uma era de paz que dê a todos os povos pacíficos a segurança de que eles precisam para viver dentro das suas fronteiras e a todos os indivíduos a certeza de que viverão uma vida livre de ameaças permanentes do medo e da necessidade».

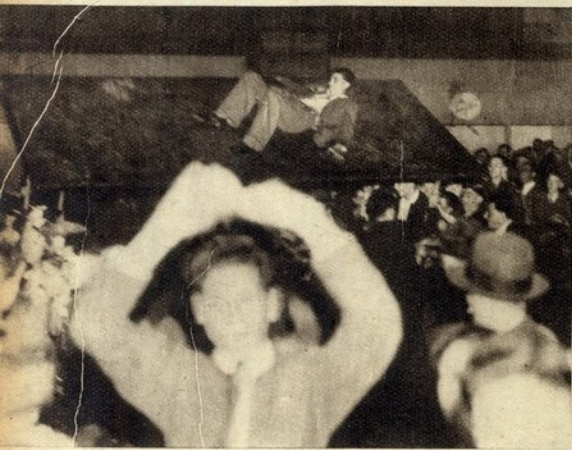
Poucas vezes na história da humanidade uma aspiração tão generosa terá sido condensada numa fórmula tão simples e impressionante. Quando a Carta do Atlântico foi publicada os exércitos alemães acabavam de invadir a Rússia e o povo russo, empenhado numa luta de vida ou de morte com os seus inimigos, mal podia pensar no futuro. Mas as conversações que nessa altura se realizaram em Moscovo entre os dirigentes dos três países revelaram que, oportunamente, as idéias inscritas na Carta do Atlântico seriam incondicionalmente adoptadas por todas as potências, grandes e pequenas, que alinhavam na luta contra a tirania totalitária e os seus executores.

Foi isso que, efectivamente, aconteceu pouco depois. Em 22 de Junho, os alemães, invadindo o território soviético, lançaram a Rússia na grande aliança anti-totalitária; em 14 de Agosto, o presidente Roosevelt e o Primeiro ministro Churchill elaboravam a Carta do Atlântico; em 7 de Dezembro, os japoneses desencadeavam o seu traiçoeiro ataque a Pearl Harbour e arrastavam para a luta o poder imenso do continente americano. Em 2 de Janeiro 1942, menos de um mês depois desse ataque, mais de quarenta povos livres de todo o mundo assinavam, em Washington, a declaração comum das Nações Unidas pela qual se comprometiam a estabelecer, depois do termo das hostilidades, uma nova de paz internacional e de justiça social em toda a parte.

Entretanto, o Presidente dos Estados Unidos, campeão ineffectivo das liberdades humanas, da dignidade dos cidadãos e da moral entre as nações, tornava pública a sua fórmula das «Quatro liberdades, condensando nesta designação todas as aspirações generosas que sempre animaram a sua luminosa carreira política. De todas as declarações feitas sobre o futuro do mundo, essa é talvez a que aparece impregnada do mais nobre e puro



O rescaldo da noite de festa na capital inglesa



Fizeram-se déjrtiros em Londres. Arrancaram-se os abrigos das parações dos onibus, obrigando os foliões a sentarem-se em cima. Os que lograssem permanecer dez segundos sem escorregar, consideravam-se heróis



Elas já não sabiam o que era dançar há muito tempo. Agora, desforram-se em qualquer parte e a qualquer hora





São Paulo refulge na noite

idealismo e a que parece mais própria a reunir a adesão de tôdas as pessoas e de todos os povos verdadeiramente amigos da paz.

Depois disso, a certeza de que os vencedores se propunham construir uma paz que fôsse a continuação e a realização prática dos impulsos generosos que tinham determinado a sua participação na luta firmou-se com a realização prática das sucessivas conferências internacionais em que, ao mesmo tempo o que se assentava na maneira de fazer terminar a luta o mais rapidamente possível, se lançavam os fundamentos da paz futura. Foram as conferências de Moscovo, de Outubro de 1943, de Teherão, de Novembro do mesmo ano, de Yalta, de Fevereiro de 1945 e de Potsdam, realizada já depois da rendição incondicional da Alemanha. Em tôdas elas foram reafirmados os princípios inscritos, inicialmente, na Carta do Atlântico e assente a maneira de os pôr em prática.

Finalmente, em Dumbarton Oaks, primeiro, e mais tarde em S. Francisco estabeleceram-se as linhas gerais em que deve ser constituído o organismo de cooperação internacional e de segurança colectiva no qual hão-de congregar-se os esforços de



O beijo de Broadway ao marinheiro americano que venceu o J



As fogueiras da vitória

todos os povos a favor da paz. Esta não poderá nunca ser firme e sincera, desde que cada povo não tenha a certeza de que a sua soberania interna e a salvaguarda das suas fronteiras se encontram devidamente asseguradas. Por outro lado, é indispensável que tôdas as nações, grandes e pequenas, estejam ao abrigo da agressão estrangeira, qual quer que seja a forma por que esta se apresente. Justiça social no interior de cada país, independência e direitos soberanos garantidos a todos os povos e cooperação entre as nações, para assegurar a paz castigando rápida e eficazmente a agressão pela força, onde quer que ela se produza — tais são os objectivos fundamentais pelos quais os vencedores desta guerra se bateram e pelos quais sucumbiram tantos milhões de vítimas.





A sua despreocupação é proverbial. Uma tarde, numa fábrica de munições



A melhor colaboradora de Churchill. Quando ele regressava de uma das suas viagens à Rússia



Com a esposa do embaixador americano Vinant, quando da inauguração de um clube das mulheres que prestam serviços auxiliares no Exército

# MRS. CHURCHILL

por VITÓRIA CHAPPELLE

**M**RS. WINSTON CHURCHILL tem por hábito fugir, com perícia, à luz da ribalta. De facto, atendendo a que é há 35 anos mulher e companheira dedicada do homem hoje considerado um dos melhores estadistas existentes, é extraordinário como o público sabe tão pouco a respeito dela, tanto na Grã-Bretanha, como no resto do mundo. Tóda a gente viu, está claro, durante os anos de guerra fotografias de um Sr. Churchill a regressar sorridente duma conferência momentosa e a ser acolhido com contentamento pela sua mulher; tóda a gente conhece, pela rádio, a voz clara desta senhora — a British Broadcasting Corporation considera-a a

melhor voz de locutora a seguir à da Rainha — pode-se dizer com segurança que tóda a gente seria de opinião, se fosse perguntada, que ela é uma mulher de grande personalidade. Não é verdade que ela angariou qualquer coisa como 7.000.000 de libras para o seu Fundo de Socorro à Rússia e que trabalhou como uma moira para o Fundo do Tempo de Guerra da Associação Cristã da Juventude Feminina de que ela é presidente? — acrescentariam essas pessoas. Todavia, ao que parece, a coisa fica por aqui.

## Uma tarefa dura

Clementina Churchill nunca deu muito na vista porque não é a espécie de mulher que, em tempo de paz, gosta de aparecer nos restaurantes chiques e em tódas as estreias teatrais, embora goste de teatro e aprecie encontrar-se com personalidades do teatro. Durante a guerra europeia estava também demasiado atarefada com os seus deveres no n.º 10 de Downing Street e a tratar do marido.

Por outro lado, quando viajou, recentemente, na Rússia, uma das coisas que mais contribuiu para o

(Continua na página 29)

Durante a guerra, a esposa de Churchill visitou, incansavelmente, as fábricas de munições



Uma fotografia célebre. Durante a blitz, quando os alemães bombardeavam Londres, o casal Churchill percorria o Tamiza, verificando estragos produzidos, muitas vezes debaixo de fogo



Visitando uma maternidade, onde eram acolhidas as esposas dos oficiais da Royal Navy e das forças aéreas



Visitando os bairros devastados pelos bombardeamentos



Quando do seu apelo a favor da Cruz Vermelha Russa, recebeu milhares de telefetações e apoios





Estes «esquis» deslizam vertiginosamente na superfície do Tejo. É um sport emocionante, que ainda não tem muitos apaixonados em Portugal



A vela é para os românticos da navegação. Este barco automóvel, rápido como um bolide, batido pelo vento do largo, refulgente de sol, e com a sua elegante tripulação, pode bater numa corrida os melhores records

O mar foi sempre a tentação do português e, neste caso, das portuguesas. Se aqueles se aventuram aos misteriosos mares longínquos, as senhoras, e achamos que fazem muito bem, limitam a sua fascinação do mar às areias fulvas dos Estoris e ao horizonte tenuemente esfumado da praia do Guincho.

Não é, no entanto, como erradamente podem supor, aventura fácil de reallzar o que as senhoras da nossa primeira sociedade praticam nas praias dos Estoris e de Cascais.

Não sabemos, mas pode ser que assim seja, se alguns desportos marítimos tiveram sua origem nas distantes ilhas do Pacifico; antes muito antes de haverem chegado às praias da América do Norte.

Seja, porém, como fôr, o que é verdade é que na Flórida — deixem passar o exagêro — o desporto náutico não é mais elegante nem mais audaciosamente praticado do que nos Estoris. Quem observar e admirar alguns aspectos reproduzidos, fotograficamente nestas páginas, verifica de momento, que as atitudes elegantes e a audácia das nossas esquiadoras surpreendem e encantam.

Felizmente, hoje as nossas jovens perderam aquêle ar acanhado que lhes dava um aspecto de sempre receosas. Que a sua graça e descaivatura nos perdôe a semelhança que estabelecemos, comparando-as a tímidos colegiais quando saem a passeio guardados pelos olhos ferozes do superior. Mas, era tal qual.

Agora não. Tudo mudou e para maior sedução das suas naturais belezas, até alguns velhos caturrentos já se arriscam a dizer baixinho: «As raparigas hoje têm qualquer encantamento, que não possuíam no meu tempo.» Isto dizem os velhos! Imaginem o que, com mais razão, dizem os jovens.

Sem que percam um único porme-



# SKIS DO MAR



Entre uma luz maravilhosa e as águas da enseada azul, a vida parece mais bela, a bordo dum destes barcos velozes, que não dão a sensação do mar e do infinito



A corrida! Os dois automóveis aquáticos mal tocam nas águas. Saltam como corcéis de aço, deixando atrás um rasto espumante e argenteo. Qual d'êles obterá a fórmula azul?



Dois elegantes e distintas senhoras que tomaram parte na amigável corrida das moto-naves



Já não se ouvem as pulsações do motor. Vai-se à deriva, ao capricho da corrente, num bem merecido descanso, depois do «sprint» marítimo

nor da sua gracilidade feminina, tôdas as senhoras que praticam o desporto, mórmente, o náutico, ganham com isso mais beleza. E a beleza é uma expressão da personalidade da mulher. Deslizando sobre um a fráglitábua ao sabor ondulante da carícia das águas, a mulher parece não ser uma «pessoa», mas uma aparição fantástica a emergir da espuma das ondas. É um misto de Loreley e de Nereide. Daí a sua atracção pelo mar. Ou será o mar a atraí-las para lhes roubar a beleza?

O nosso Tejo, com as suas águas cristalinas já viu os primeiros skis de água. É um desporto, na verdade embriagante, que parece ser originário das ilhas de Polinésia, e que invadiu rapidamente os Estados Unidos, como nós vemos no cinema. A par disso as corridas de moto-naves são outro desporto admirável, que se pode cultivar, no rio, e esse, ao contrário daquel, já tem muitos apaixonados convictos e entusastas. Entre outros, os srs. Conde de Monte Real, João de Castro Pereira e Constantino Mouton Oceiro, a quem agradecemos, bem como às distintas senhoras que tomaram parte na árdua e graciosa prova, a gentileza que tiveram para a nossa revista.





A nova cidade conservará todos os seus velhos monumentos, mas terá uma fisionomia arquitectónica mais bela e racional

# A URBANIZAÇÃO DA GRÃ-BRETANHA

por ARTHUR RICHMOND

**M**AIS de 90% da população trabalhadora da Grã-Bretanha ocupa empregos que nada têm que ver com a agricultura. De um país cuja agricultura produzia o suficiente para abastecer a sua população, a Grã-Bretanha passou, em pouco mais de um século, a precisar de importar do estrangeiro grande parte dos géneros alimentícios de que carecia. No decurso desse período de tempo grande número dos seus camponeses emigrou para as cidades onde surgiram as novas fábricas que tinham destruído a sua indústria



Projecto de reconstituição da área residencial de Portsmouth, devastada pelos bombardeamentos alemães

caseira. Durante o século XIX e ainda durante o corrente foi crescendo esse número de emigrantes nas cidades, grandes e pequenas, até que hoje em dia, Londres, só por si, contém cerca de quinta parte dos habitantes da Inglaterra e do País de Gales, enquanto vastas áreas estão tão densamente salpicadas de cidades que pouco campo aberto resta entre elas.

A partir da primeira guerra mundial, Londres, especialmente, foi estendendo os seus tentáculos para vários lados até abranger muitas milhas do que há 25 anos eram campos risonhos. Os prados verdes já se afastaram para tão longe da parte mais antiga da cidade que existe muita gente que mal os conhece de vista. Para aqueles que trabalham em Londres



Londres será uma cidade assim, verdadeiro cenário, aliás real, de um arquitecto renovador



Um panorama da cidade de Edimburgo, na Escócia. A linha recta já há muito conquistara os urbanistas



As escolas e as maternidades merecem sempre um carinho especial aos ingleses. Ensina-se entre flores

e vivem nos subúrbios por motivos de economia ou de saúde o trajecto diário tem-se tornado cada vez mais longo e mais árduo.

## As vantagens da descentralização

Antes da segunda guerra mundial, das graves desvantagens da concentração do emprego num número reduzido de grandes cidades, a resultando que algumas organizações estavam a colocar o seu pessoal na província. A guerra, com o seu acompanhamento de bombardeamentos aéreos, provocou uma grande dispersão. Centenas de organizações mudaram-se, com os seus milhares de empregados, das grandes cidades para escritórios provisórios e habitações temporárias. Os estragos causados pela guerra nas cidades da Grã-Bretanha levaram o Governo e as autoridades locais a ponderar a maneira como essas cidades deverão ser reconstruídas e se não terá chegado o momento de se adoptar uma política nacional para o afastamento das ocupações que se exercem dentro de edifícios, quer sejam industriais quer comerciais, para longe dos grandes centros populacionais e para as cidades de dimensões mais modestas.

Hoje a população da Grã-Bretanha sabe o que é a guerra e, sobretudo, o que é a guerra aérea. Por isso compreende o perigo estratégico das grandes aglomerações da indústria e da população mas não é essa a única nem mesmo a principal consideração que dirige os espíritos para uma redistribuição mais ordeira da população.

A sociedade já começou a ver mais claramente as desvantagens, para o natural desenvolvimento humano e para um modo de vida civilizado, que representa a concentração de grandes massas populacionais em pequenas áreas, com pouco espaço em volta, com longos trajectos a percorrer à ida e à volta do trabalho, faltando em absoluto o sentido da comunidade de interesse. A guerra revelou também a muito mais gente os malefícios da super-população, o baixo nível de vida e mesmo de hábitos de muitos dos que crescem e passam a vida toda em casas a abarrotar de inquilinos onde a promiscuidade é constante e inevitável e onde, por vezes, as crianças nenhum sítio têm para brincar senão a rua.

(Continua na página 30)



Mesmo antes da guerra, a Grã-Bretanha tinha admiráveis moradias para operários. Um bairro ao acaso, numa cidade qualquer



As novas fábricas inglesas, amplas, cheias de sol e com largas oficinas



Modelo de uma nova cidade, cujos bairros são largamente enquadrados em vegetação, os famosos «pulmões verdes». Cada casa terá o seu jardim



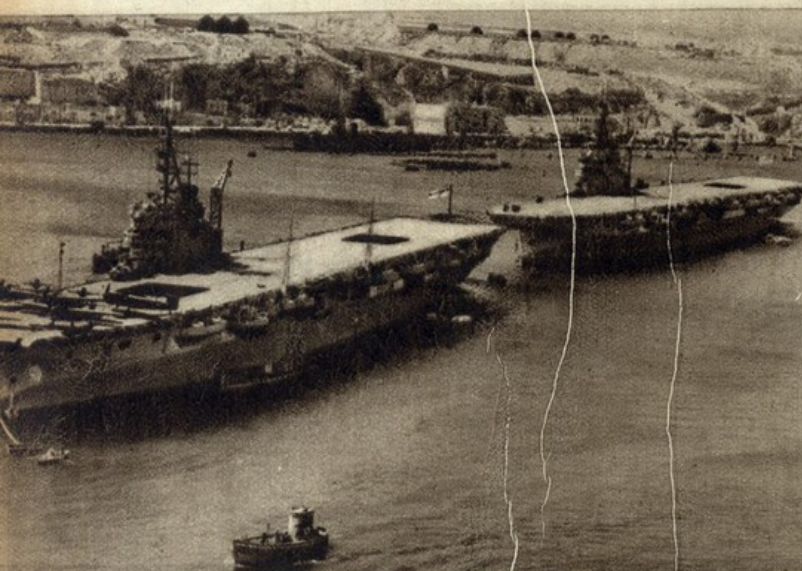
Em Inglaterra há milhões de habitações individuais. Uma velha rua, que tem a sua beleza, muito embora sufocada pela fumaceira das fábricas. Nas urbes modernas isso vai desaparecer



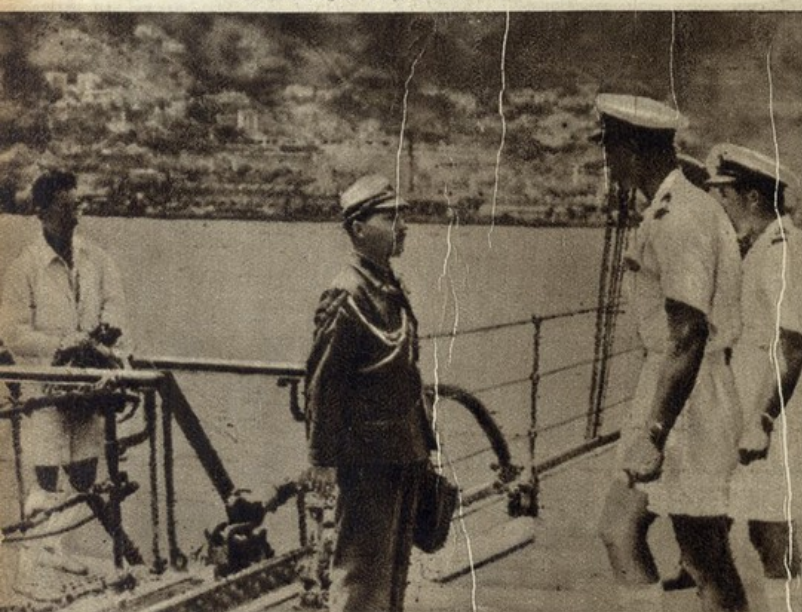
# OS ALIADOS EM TÓQUIO



Japoneses não tiveram remédio senão entregar-se. Começou a hora da provação. O castigo, disse o general Mac Arthur, será moroso e inflexível. Eis como o general Okazaki Numata foi apresentar ao quartel general inglês de Rangoon a rendição das suas tropas

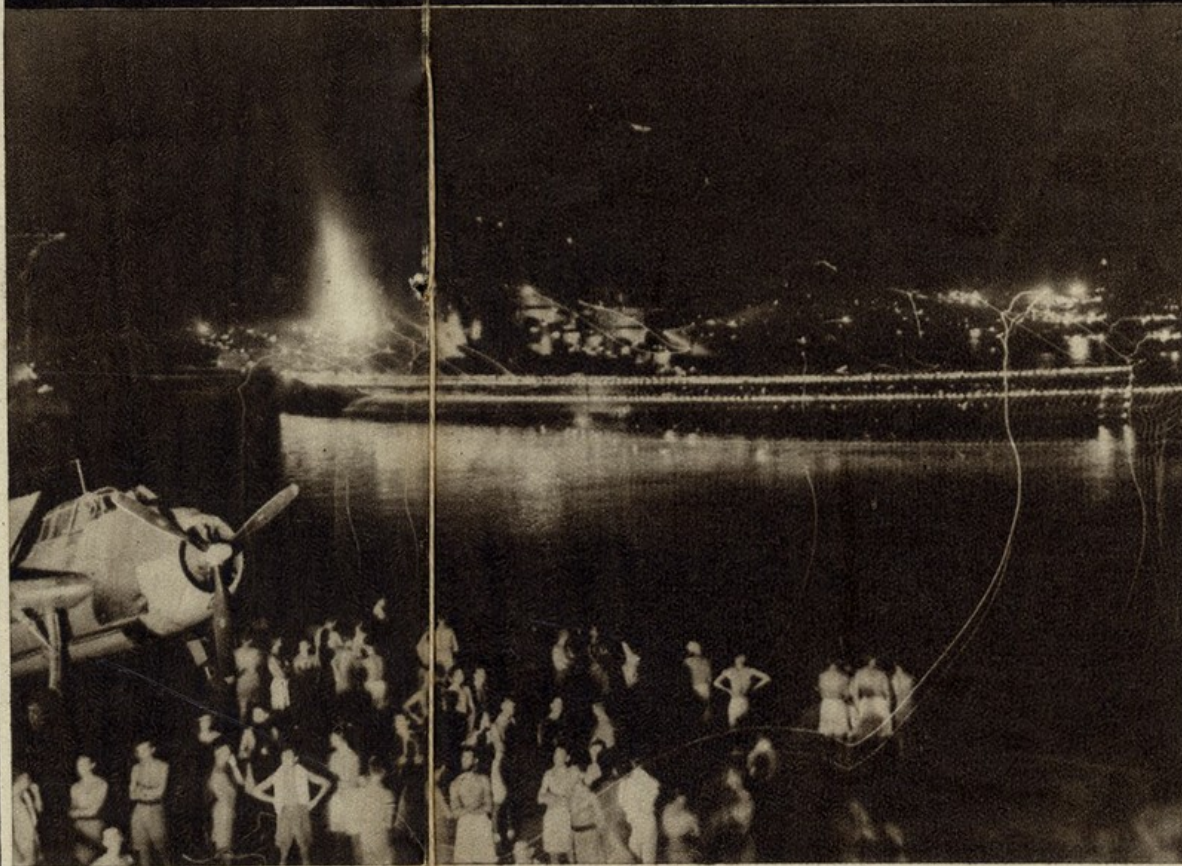


O poder naval da Grã-Bretanha que, por duas vezes exterminou a prepotência alemã na Europa. Dois formidáveis porta-aviões, num porto do Mediterrâneo, irmãos-gêmeos de tonelagem e de eficiência



Hong-Kong libertada. Os oficiais japoneses, a bordo de um navio de guerra, onde assinaram a rendição incondicional

**ELAS  
FORAM  
LIBERTADAS**



As mulheres dos países ocupados pelos alemães sorriem às tropas vitoriosas. Acabou o pesadelo da Gestapo, e dos campos de concentração

A Índia celebrou, entusiasmada, a vitória inglesa no mundo. Algures, em qualquer porto daquela península, as iluminações festivas. Ao fundo, as duas linhas paralelas de focos desenhavam as amuradas do «Nelson»

**UM  
MOSQUITO  
SOBRE  
O EVEREST**



O monte Everest, a maior altitude do mundo, foi vencida por um «Mosquito», da Royal Air Force. Pela primeira vez as asas humanas ultrapassaram o tecto do mundo



Quem guarda a porta de Brandenburgo em Berlim? Esta graciosa mulher, que faz um excelente serviço de sinaleiro às viaturas dos países aliados que passam incessantemente. A capital do Reich está agora guardada pelos exércitos inglês, americano e russo cada um dos quais ocupa zonas especiais. Até ao fim da guerra as mulheres têm prestado óptimos serviços. A sua acção não se limitou, apenas, às recataguardas, nas fábricas e hospitais; foi mais longe, aos serviços militares, políticos, condução de abastecimentos, etc.





Esta, a do primeiro plano, é desenhadora de uma casa de modas. E, com um modelo como a Lana, tem, forçosamente, que sair uma toilette «pôdre de chic»



É com este roupão que ela costuma submeter-se às torturas do «make-up» pelo prodigioso Jack Dawn



# ELA É A MAIS BONITA



Se alguém for capaz de nos dizer que ela não é a mulher mais elegante de Hollywood, somos capazes de cometer um crime

**N**ÃO a reconheceram logo, quando olharam para estas fotografias? Claro. Nem podia deixar de ser — que ela tem «un je ne sais quoi», como dizem os franceses, que a torna inconfundível. Tão inconfundível, na sua beleza e na sua elegância, que os grandes costureiros entenderam que não seriam mal gastos os milhares de dólares que lhe dão, apenas apara que a Lana Turner vista os seus modelos e se deixe fotografar.

Evidentemente que, quanto a nós, preferimos olhar com mais atenção a Lana, com os seus cabelos, nem ouro nem prata, uns cabelos maravilhosos que o Jack Dawn, tem penteado requintadamente. Sim, porque o Jack Dawn, que é o mais célebre maquilhador de Hollywood, tem uma simpatia muito especial por ela.

Claro, porque o Jack sabe muito bem que,

só uma mulher como a Lana tem «categoria» para fazer realçar os segredos do «make up». Depois, estamos certos que todos os homens também não-de detestar tudo desta página menos a própria Lana Turner. Pois se não haviam os homens de detestá-las se nós estamos mesmo a ver os «pésinhos de lã», com que elas não-de chegar-se muito para eles, como quem está distraidíssima a ler a revista e dizerem, depois: «Ai! Filho! Não vês este vestido como tem Himalaias de Chic? A Milu havia de morder-se de inveja! Depois, veem as queixas, porque este ano ainda só mandou fazer dez vestidos novos!

Mas, se houver, de facto, o décimo primeiro, quem tem a culpa é a Lana Turner e todos os maridos deste mundo tem muita razão de detestar tudo desta página, menos a própria Lana.



Um pijama que é uma maravilha e que ela só veste quando vai cuidar das suas flores e das suas plantas. Que a Lana tem uma verdadeira adoração pelas flores, pelas plantas e... por si própria

Daqui a pouco, a sua casa vai receber as maiores celebridades de Hollywood. E ela há-de deslumbrá-las com o requinte da sua elegância. E... as maiores do cinema... são iguais às outras. Também têm má língua

Que tal, para um passeio a cavalo, no Campo Grande? Depots, copiado o modelo da Lana... até dá vontade de dizer: «O quê, tens alguma coisa a dizer? Olha: a Lana Turner tem um igual»





# ARTE NEGRA

A dança dos negros é de um ritmo febril, alucinante. Como que uma temelância de movimento, que embriaga os corpos até os prostrar de fadiga e enervamento

**N**ÓS, portugueses; que fomos os primeiros a devassar as plagas e os sertões africanos, numa obra de séculos que ainda continua, temos pelos seus pitorescos, uma entranhada, se não mesmo uma fascinante paixão.

Nas danças e nas artes indígenas, na arquitectura da construção, nos costumes e nos ritos, tão espectaculares encontram-se elementos inéditos de estudo e até mesmo de sugestão.

A música negra, de que o jazz é uma das expressões mais brilhantes, deu volta ao mundo. Nasceu na Lusitania, nas plantações de algodão, saúde dos netos dos primeiros colonos que para ali foram. Nunca tinham visto África, mas sentiam-na no sangue, como um apêlo distante, incoercível.



Máscaras cruéis e misteriosas de feiticeiros, numa cerimónia ritual



A saúde creoula encontra neste cantor a mais alucinante expressão





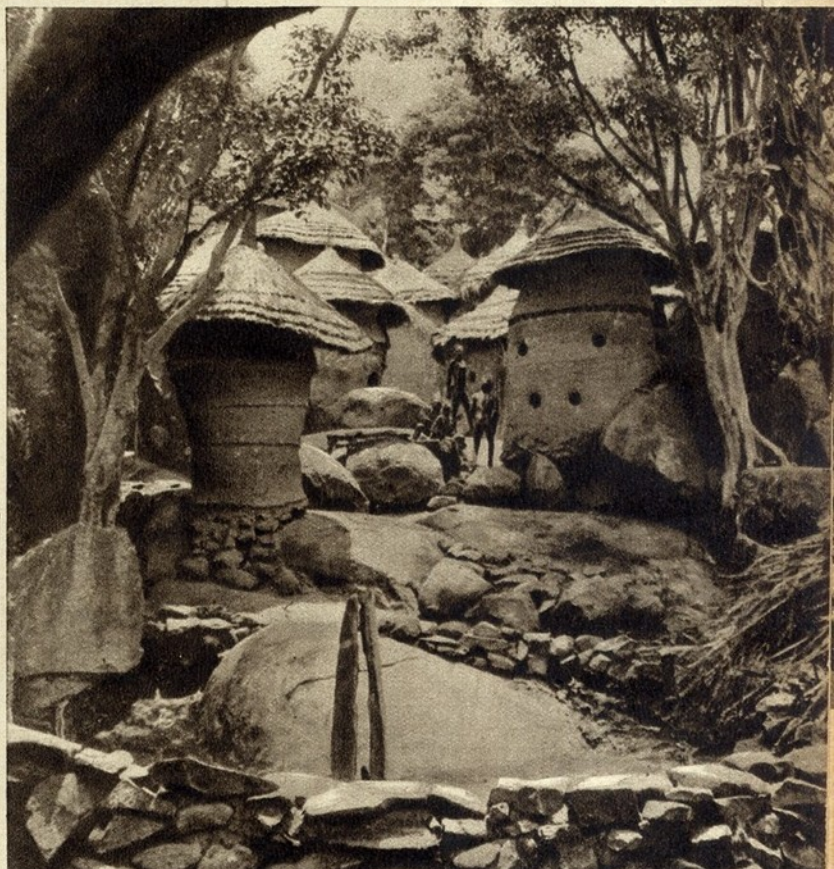
A curiosa arquitectura de uma aldeia africana do planalto da Nigéria. As janelas são simples buracos. As casas são feitas de grada e o tecto revestido de palha

Apesar da civilização branca, o continente conserva ainda ricas e variadas características etnográficas. O folclore é inesgotável. A dança varia de região para região, lenta ou vertiginosa, furor diabólico, ou êxtase de sonho, constituiu, porventura, a melhor imagem, na sua múltipla diversidade, do autócotone.

Ao cubismo deve a arte negra algumas das suas sínteses.

A representação Ingénua da figura, os símbolos arrancados à vida, o traço incisivo, por vezes, caricatural, se não geométrico são os elementos com que o negro trabalha — numa estética pura, instintiva, e, por isso mesmo, mais eloquente.

Neste panorama de imagens, o leitor tem uma visão viva da África que não é cinema, porque pertence, inteiramente, à realidade.



Magia negra. Olhos diabólicos espreitam por detrás destas terríveis carantonhas

Os mercados são pitorescos. Vende-se tudo. Um indígena por uma bugiganga colorida é capaz de o seu pêso em ouro ou marfim





**É** longa a lista, porque não foram poucos os homens responsáveis pela mais feroz, pela mais implacável, guerra da História. Alguns, julgaram mais prudente uma bala na cabeça ou uma empola de cianeto, mas ficou a enorme maioria, que há-de comparecer perante o tribunal do mundo, o qual lhes pedirá contas dos seus crimes monstruosos.

Muita coisa se sabe já; outras serão reveladas à medida que eles fôrem falando — e hão-de falar, sobretudo, uns dos outros, que são sempre êsses os seus processos. No fundo, êles odiaram-se sempre, uns aos outros, porque cada qual quis elevar-se mais, subir mais, dominar mais.

Mas, agora, que a situação os igualou a todos, êles devem odiar-se, implacavelmente, surdamente, impotentes para se combaterem e destruir.

em Londres, os representantes dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e Rússia estão a fazer os últimos preparativos para o julgamento dos maiores criminosos de guerra do Eixo, na Europa. De esquerda para direita: Coronel M. C. Bernays, do Exército americano, principal responsável de provas na Grã-Bretanha, e Coronel John Harlan, também do Exército Americano, a cargo de quem está o interrogatório de possíveis testemunhas e acusador no continente europeu

# O JULGAMENTO DOS CRIMINOSOS DE GUERRA



Supremo Magistrado dr. Robert H. Jackson, representante americano chefe do Conselho do Tribunal, que julgará os criminosos, saindo do seu escritório em Londres



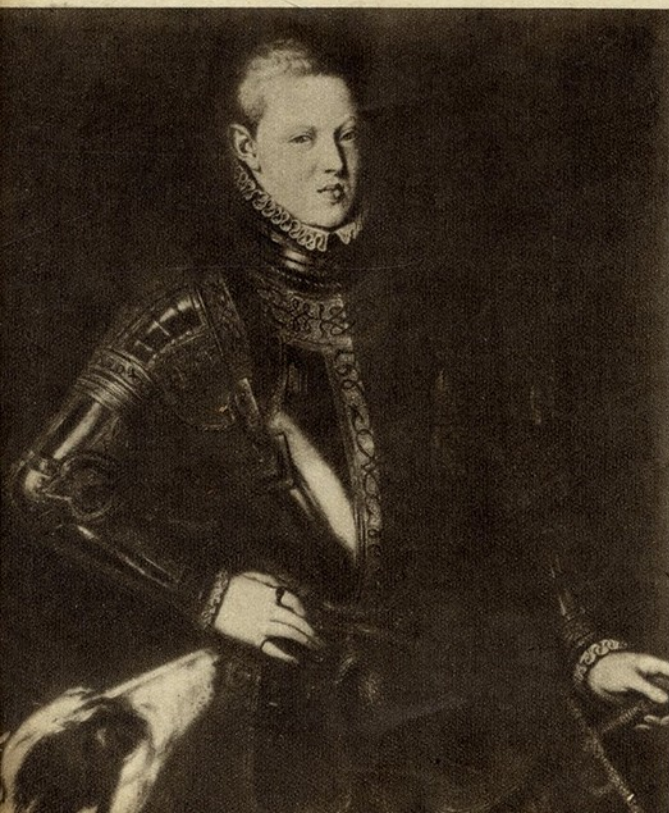
O dr. Robert H. Jackson sentado à sua secretária, trabalhando no seu escritório, na capital britânica





O perfil de D. Afonso V, tal como o viu Nuno Gonçalves. Tudo indica que se trata de um retrato realista. No olhar há um misto de determinação e de sonho — o sonho da África!

## RETRATOS DE REIS



D. João III, o rei da decadência, em cuja fisionomia há qualquer coisa de resignado triste. Pintura de Cristóvão Lopes

A fisionomia não é, apenas, um espelho da alma; é, também, a revelação de um destino. Analisando os caracteres fisiognômicos destes três monarcas, como que vemos reflectir-se, em grande parte, a história do seu reinado. D. Afonso V tem a dureza e a frieza de um conquistador. O seu olhar como que ganha distância. Vai mais longe do que a realidade, carregado de sonho e das visões fabulosas de um império, que nascia em África, com as primeiras conquististas. Nariz enérgico, bôca

talhada, profundamente, maxilar forte, mas não saliente, sobranças espessas, tudo isto dá energia e resolução varonil ao tipo humano.

D. João III é mais fino. Parece interrogar a vida, o olhar suspenso, vago. O seu físico acusa inércia, abandono, e as mãos, profundas, uma moleza estranha. Carecem de nervos, de fibra muscular — acção e inspiração.

Ao contrário, D. Sebastião é o tipo moço, cujo sangue cruzado com o dos Habsburgos, deu um tipo loiro, dolicocefalo, sonhador e fatal.

O famoso retrato de D. Sebastião, prognata, testa ardente e obstinada. É da autoria de Cristóvão de Moraes



## O ASSASSINO DESCONHECIDO



O telefone tocou. O inspector Cobbe, bocejando, levantou o auscultador. Do outro lado do fio, uma voz desfalecida de mulher, balbuciou: — O meu marido... assassinado. Sou... — A voz emmudeceu, repentinamente, e o inspector ouviu a queda de um corpo. Identificado, por intermédio da Estação Central dos Telefones, o telefone que fizera a chamada, dez minutos depois o inspector entrava em casa do casal Tony Roland.

Na sala de estar encontrou Lesley Roland, aparentemente inconsciente, deitada ao comprido, no chão, e o marido, morto com uma bala, sobre a secretária. Num relâmpago, o inspector Cobbe recordou que Tony Roland era um conhecido e perigoso elemento do mercado negro, já algumas vezes apanhado como suspeito, mas sempre pôsto em liberdade por apresentar um alibi indestrutível.



RECUPERADOS os sentidos, Lesley declarou ao inspector: — Esta noite, pouco depois das nove, chamaram o meu marido pelo telefone. Ouvi-o dizer: — Já e disse que me desliguei completamente do assunto. coisa está agora arriscada. E, além disso, fique sabendo: não tenho medo nenhum das suas ameaças. Dito o desligou o telefone.

### PORQUÊ?

(Ver a solução na pág. 30)



CONTINUANDO as suas declarações, Lesley disse ainda: — Estava sentado à secretária, a preencher um cheque quando alguém, pela janela aberta, disparou. Imediatamente, liguei para a polícia e não me lembro de mais nada. Possivelmente, perdi os sentidos. O inspector encontrou uma cápsula vazia na escada de salvação, próximo da janela. Depois de raciocinar, deteve Lesley Roland, por suspeita.

(Continuação da página 2)

suma, um homem dotado de qualidades várias e cujo interesse pelas coisas deste mundo é um tanto eclético. Um homem perspicaz, culto, bondoso e sobretudo, muito honesto.

Não é muito alto e a amplitude do seu arcaboiço faz com que pareça atarracado. O seu bigode aparado já vai tendo muitas brancas e o cabelo vai-lhe rareando. «As preocupações» explica o «Tio Bill», «as preocupações por não saber se eles descobrem o que eu ando a fazer».

Sentado à sua secretária, de cabeça curvada e os olhos de aros delgados a meio da cana do nariz, parece um professor bondoso e experiente. Todavia, quando se levanta, tira os óculos, põe na cabeça o chapéu de andar na selva e sai para ir visitar as suas tropas, qualquer pessoa sabe que está na presença dum general comandante de um exército em campanha.

### Tendência para apoucar-se

Ao contrário do que sucede com alguns generais, Slim gosta de falar das suas campanhas, ornando a narrativa com anedotas e àpartes perspicazes, mas tem certa tendência para apoucar-se.

A respeito da defesa de Imphal disse: «Cometi dois erros: demorei-me em fazer retirar de Tiddim o 17.º e tiveiram que travar combate; em segundo lugar, não calculei que os japoneses se pudessem reabastecer pelos carreiros das montanhas de Smora. Isto foi só meio erro, porque tentaram fazê-lo e não puderam, de maneira que, de facto, cometi erro e meio. Os japoneses cometeram mais alguma e por isso coube-me a vitória».

Procure-se, porém, conseguir fazer falar Slim dos riscos que ele devia ponderar tomar, das grandes decisões que tomou e da ofensiva audaciosa que libertou Kohima e manteve os japoneses longe do caminho de ferro da Índia, e não se obtém resposta alguma. Fala como se fossem os seus adversários que falharam e não ele que venceu, mas os homens sabem bem como as coisas se passaram.

Quem escreve estas linhas encontrava-se no Quartel General do Exército da Birmânia, na véspera do general Slim lançar o ataque duplo em direcção a Rangoon. Depois do jantar o general levou-me para a sua sala de trabalho e destapou o seu mapa secreto de operações. A sala estava quasi às escuras mas, por meio de uma lâmpada de algibeira, iluminou uma das suas áreas de concentração. Nessa altura, o ataque ainda não estava completamente preparado e esta área parecia estar a indicar uma direcção despropositada.

«Eu sei o que estão para lá a dizer», disse ele. Estão a dizer: «Até que enfim que o Tio Bill se resolveu». Depois, com uma brilhante economia de palavras, ele esboçou o seu

(Continua na página 29)





## MONUMENTOS MILENÁRIOS

Em 1939, uma missão de arqueólogos encontrou, na Anatólia, Ásia Menor, os vestígios de uma grande cidade, que há três mil anos antes de Cristo era habitada pelos hititas. Fizaram-se escavações e exumaram-se estas admiráveis esfinges, que datam da idade de bronze naquela região. Elas eram as ombreiras de uma das portas da urbe, que a avaliar pelos fundamentos ocupava uma vasta área. A descoberta tem um significado especial. Vê-se que, enquanto, na Europa, o homem ainda vivia pouco mais que primitivamente as populações do Próximo Oriente, haviam atingido um elevado grau de progresso.



de AURORA JARDIM



## A Moda é bem Feminina

**H**AVIA quem receasse a influência da guerra na moda feminina mas, à parte um chapéu ou uns botões, aquela canadiana ou este cinto, nada de assustador se deu.

A moda é mais feminina do que nunca, com o regresso à graciosidade da *fanfreluche* 1900, à renda, ao laço e, até, ao leque.

E diversa.

Cada pessoa adopta o penteado que mais lhe agrada e, até, os postigos arvoram os mais variados feitios: trança em corça só no alto da cabeça e em auréola circundando-a; o olto, que tanto serve de carrapito como se coloca bem aberto, acima da testa; os bucles, atrás, aumentando o cabelo adto; os caracóis no alto; os turbantes, lembrando chapéus, etc., etc.

E, para cada penteado, o seu chapéu ou posto para trás ou descaído para a frente, em palha e veludo, com flores e penas e frutos e tudo que se lhe quiser pôr em cima.

Os ombros que, realmente, lembravam os dos uniformes, perderam a rigidez; embora enchumacados, são mais redondos e naturais.

A saia é harmoniosa, porque a roda sempre deu graça ao andar.

Há hoje uma tendência que talvez se venha a acentuar: a importância



Um chapéu de meia estação que tem coqueterie

dada às costas. Ou, com pregas fundas na saia, ou machos no casaco ou com guarnições variadas, tais como botões, bordados, cortes e *empêchements* recortados, em bico sobre a cinta, formando capinha, e bordados os folhos voltam.

Há saias com dois e três andares, principalmente nos estampados. Vêem-se também nos corpos, em cabeça e mangas, e nas abas dos casacos.

Moda que muito se usou há anos e que volta: a manga-pagode, muito larga, forrada de seda em tom contrastante, em acôrdo com qualquer detalhe do conjunto.





# «Ricardo Jorge contra Bartolomeu de Gusmão»

de Mário Portocarrero Casimiro

**Q**UANTO a nós, há nos estudos históricos um pormenor que os valoriza e os torna diferentes de simples narrativas escritas em face de posicentos in-fólios.

Para que interesse a história humana torna-se necessária que o historiador nos traga qualquer coisa de novo na freima da investigação e dê, através de uma clara expressão formal, um sôpro de vida às figuras adormecidas entre e pô dos arquivos e as cinzas do tempo. E' essa a missão do historiôgráfo, e não como sucede, por vezes, um relato sôco de homens e de factos.

Bartolomeu de Gusmão tem sido tema inspirador de várias obras acerca da sua vida e do seu labor científico.

É certo que nem tôdas as opiniões dos investigadores harmonizam, principalmente, em determinados pormenores.

Um facto, porém, é indubitável — a invenção da «máquina voadora», que ficou conhecida, na tradição popular, pelo nome de «Passarola». A' volta desse acontecimento, notável para a época, a que tôda a população de Lisboa assistiu assombrada, numa manhã de Agosto de 1709, tem surgido dúvidas. Não da realidade do facto mas do local onde se teria efectuado. O assunto, é, pois, de molde a prender o espirito curioso dos investigadores. Não são poucos, aliás, os que até nossos dias se têm dedicado a essa simpática e louvável tarefa.

Mário Portocarrero Casimiro, cuja actividade literária e de historiôgráfo de há muito é acreditado como probo trabalhador das letras, publicou, agora, um cuidado estudo no qual interpreta de maneira pouco vulgar a figura e a descoberta de Bartolomeu de Gusmão. Pelas referências contidas na obra pode afirmar-se que o seu trabalho encerra inéditos elementos que contribuem para o esclarecimento de um successo a que alguns estudiosos especializados no assunto consideram o ponto de partida da navegação aérea. Neste momento, em que a aviação atingiu um ponto maravilhoso de progresso, talvez seja útil relembrar a ficção praticada por um português há mais de duzentos anos.

Não teria exercido influência na marcha evolutiva da aviação o aparecimento da «Passarola»?

E' de crer que assim tenha sucedido. Pois a perfeição de tudo quanto o homem cria parte sempre da imprecisão do sonho ou de uma vaga certeza.

Foi preciso que alguém tivesse um dia voado, tivesse vencido a gravidade e conquistado o espaço — não importa de que maneira — por que essa coisa maravilhosa que se chama aeronáutica pudesse ser uma realidade, conquistando novos horizontes na vida do homem civilizado.

Mário Portocarrero Casimiro, nas páginas do seu livro trouxe mais um valioso contributo para o estudo de uma época e de um precursor. Por isso, o seu trabalho é merecedor de aplauso, mérito, das pessoas que pela ciência aeronáutica sentem verdadeiro interesse, e no nosso País esse interesse parece ser começado, agora, a ser disputado.



## Os bichos e o homem

O portuguêsinho é, via de regra, um bipe de protestador. Protesta acerca de tudo e, em tantos casos, quando não tem contra quem protestar, segue a filosofia do «figaro» em frente do espelho — protesta contra si próprio.

Lisboa é vítima dos protestos alheios mais ainda do que dos próprios. Não há ninguém que para cá venha viver, ganhar a vida ou a glória, que não diga mal «disto». No entanto, se observamos bem, veremos que muita coisa má não é de inspiração indígena. A demonstração é tão fácil que não vale a pena evidenciá-la.

Muitos indivíduos utilizam-se dos jornais para lançar o seu libelo sobre o que, a seu modo, não está bem. Reclamam o que o serviço dos «elctricos» não é a última palavra, no que se refere a transportes. E' de supor que na «terra» dos protestadores seja perfeitíssimo. Que as ruas da cidade são mal calçadas. Na «terrinhadões» côrregos e verdadeas são outra coisa...

Que as repartições da Capital são horripáveis: pintam-se, vestem mal e em nada podem comparar-se à graça de uma moçolla que não se pinta e lava-se apenas uma vez por ano, em dia de romaria.

Há pouco, um senhor dos que protestam, lembrou-se de bter carta num jornal a lançar ferros maldições contra os sãos. Que os «bichos» bigam com o decôro e a higiene da cidade. E pede ruegas contínuas para a sua extinção; e aconselha, inspirado na doutrina maltuziana, água fria

(Continua na pág. 30)

# ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

## FLORBELA ESPANCA

**P**ARECE estar demonstrado que os poetas nem sempre são favorecidos pela carícia esperançosa da aventura. Vêm de séculos os exemplos.

Quando dizemos os poetas, não queremos, de modo algum, aludir aos versajadores e às versajadoras que nos impingem, perdulicamente, em zigu zagueantes caprichos grácticos dos seus inconpreendidos desajnos mais ou menos charadísticos. Dêstes fazedores de péticos, digamos a propósito, as pessoas que têm mais que fazer raras vezes dão por êles.

Pretendemos, tão somente, esçoçar breve referência acerca dos individuos que na interpretação da dor, da alegria, na incompreensão de ocultos mistérios da vida, se tornam diferentes dos outros mortais inacessíveis à claridade da idea e dos sentimentos.

Dêsses, sim, é que merece falar, se bem que a beleza seja, como aliás tantas e n epôos do espirito, coisa de sômenos para quem se apellida de superior.

Talvez estas linhas sejam propicias à evidência de muitos factos. Entre êstes um existe que ressurge e se arrasta lamentavelmente, acianamente. É ê te o advébio que melhor se ajusta ao caso. E andam por ai tantos Acácios a ironizar a personagem criada ou imaginada por Eça de Queirós! Como se a fornalhuza, ridicula e burocrática figura continuasse ainda a sentenciar sobre coisas de espirito. Pois parece que sim.

Florabela Espanca foi uma poetisa que deixou uma obra de beleza, de ansiedade humana, de insatisfação. Fez, como aconselhou Goethe, da sua dor um poema. Por isso, é digna de homenagem que perpetue o seu nome. Isso dar-se-ia em qualquer país onde o talento não estivesse subordinado a opções de moral de trazer por casa.

Embora para nós a pedra ou o bronze não sejam a maneira mais luminosa de glorificar o talento, a verdade é que se pensou em prestar essa homenagem à poetisa — erguendo-lhe um monumento. Aceitando o convencionalismo estamos de acôrdo com o merecido preito a prestar à artista.

O pior é que nem mesmo assim. Isto é, não obstante a boa vontade de conterrâneos e admiradores da poetisa, a conclusão do monumento ainda provoca dificuldades de ordem oficial.



O arco conquistou lugar de relêvo entre os desportos modernos, pela sua expressão estatuaría

## O culto da flor

A casa Moreira da Silva, do Pôrto, comemorou agora o cinquentenário da sua actividade.

Posto que o facto parece banal e como acontecimento semelhante a tantas solenizações comerciais, não o é.

Não se trata de coisas úteis, do materialíssimo mercadejar de cebolas ou bacalhau.

O facto tem para nós um significado que está muito além da compra e da venda.

Cinquenta anos de convívio com frutos e flores, por mais áspira que seja a alma humana, hão-de, fatalmente, insinuar no homem um significado pético da vida. Dizemos mais: se os deuses se julgam superiores aos simples humanos, por conviverem com as Musas e a Beleza, os homens que consomem a vida cuidando das flores, não devem ser inferiores aos deuses.

Sem procurarmos elevar à categoria de seres sobrenaturais os dedicados floricultores do Pôrto, não podemos deixar de reconhecer que a sua missão enchendo a existência da graça, da cor e da fascinação das flores, é uma das mais belas que conhecemos. E quem pô: um pouco de encantamento no prosaísmo da vida, deve ser exaltado como criador de beleza.

Portugal é um país de flores — «jardim da Europa à beira-mar plantado» — mas esqueciam os jardineiros...



# JUVENTUDE

de GUEDES DE AMORIM

**ENTROU** em casa, a assobiar, com um cão vadio atrás de si. A madrinha, atarefada com o jantar, andava lá para a cozinha. Ouviu-a tossir e mexer nas panelas. Foi para o seu quarto, atirou para uma cadeira o casaco e o boné e estendeu-se na cama. O rafeiro fezjou o acanhado e escuro aposento, certamente esfaumado, e acabou por se aproximar do rapaz. Januário afagou-lhe o fucinho e, em voz baixa, para que a velha não ouvisse, pôs-se a dizer-lhe que não tardaria a ser servida a papooca. O cão, provavelmente, o compreendeu, mas sem com ele concordar, porque deitou a ladrar insistentemente. O rapazotz pediu-lhe silêncio, mas não o obteve. No mesmo instante, a velha Genoveva assomou à porta do quarto, indignada, brandindo o abano:

— Tu não tens emenda, Januário? Quer's transformar a casa num canil? Fora, fora daqui!

Lançou-se sobre o animal, que fugiu para debaixo da cama. Januário pediu:

— Deixe-o ficar, madrinha. Terha pena do bicho. Encontrai-o na rua, há boendo, veio comigo... Deve ter sido abandonado...

— Não, não! Eu já te disse, outro dia, que não consentia que voltasses a trazer cães cá para casa.

Genoveva, fazendo tremor as suas banhas de setenta e quatro, enraivecida, ajoelhou e, metendo o abano debaixo da cama, gritou:

— Fora daqui, tinhoso! Pulgas já su cá techo. Vamos, rua, que é a sala que te pertence!

Januário, reconhecendo que a madrinha não desistia do seu intento, resolveu então comovê-la com esta proposta:

— Madrinha, deixe-o ficar aqui só esta noite, que eu, em troca, no sábado, não quero que me dê os dois e quinhentos...

— Quê? Que dizes?

É a costume, aos sábados, depois de entregar a féria à madrinha, receber Januário dois e quinhentos para as suas extravagâncias. Era pouco, dava-lhe apenas para umas cigarritas, e, quando queria ir à bola, precisava mesmo, de andar a junta para isso, duas e três semanas. A velha olhava-o como se pensasse as vantagens e desvantagens da proposta. Ops, mas sem energia:

— E, os vizinhos? Bem sabes o que eles fiz ram das outras vezes...

— Ora, não há-de haver m tivo para protestos. Depois, os vizinhos também f- zem barulho, não fazem? Nós também os suportamos. Depois, este cão, logo que coma alguma coisa, fica para af quieto como um ratinho. Vra e como está magro...

Genoveva acedeu:

— P- is deixa ficar o mostrengo. Mas, olha, amanhã, tens de levá-lo para a rua, e, no sábado, eu não te darei os vinte e cinco tostões do costume.

— Combinado, madrinha.

— Bom. Então, vai para a mesa, que eu vou já de- r-te o jantar.

Januário chamou o animal, que veio a médio e com dificuldade se deixou abraçar.

— Vamos já tratar da tripa!

O cão voltou a ladrar. Lá dentro, a madrinha rosou qualquer coisa, mas lembrando-se da combinação feita com o afilhado, não levou o protesto mais longe.

D esse-lhe, depois, como se o bicho o pudesse compreender, que tinha muito prazer na sua companhia. O receio das censuras da madrinha não inibiu Januário dos seus projectos. Fôsse como fôsse, tinha esperanças de que tudo se arranjaria. Outras e frequentes vezes ele havia já levado para casa bichos de rua, gatos e cães vadios, que a madrinha, a três dos dois e quinhentos do fim de semana, deixava permanecer algumas horas em sua casa. Tudo se arranjaria ainda desta vez, pensava de si para consigo. E assim havia sucedido, com efeito. Restavam os vizinhos, metedidos e impertinentes que passavam os dias e as noites a registar, os homens a bater nos mulheres, os filhos a lamusar, os decentes a gemer, fazendo todos ba ulheira infernal, mas que, por inveja ou egoísmo estavam sempre prontos a censurar o rtilho na casa alheia. Todavia, que fôsem para o diabo com as suas censuras.

E, chamando-o para a saleta da frente, Januário disse:

— Está tranqüilo. Por hoje tens comida e cama garantidas.

Genoveva veio com a terrina da sopa. O cão gritou a couda e deitou a língua de fora. A velha recomendou ao afilhado:

— Não lhe dê's nada, ouvieste? Techo lá dentro sopa a arrefecer, junta a panela velha, para ele. Depois, junta-se-lhe mais qualquer coisa. Agora junta tu descansando.

Impaciente, o animal pôs-se a ladrar desforadamente.

— Raios partam o cão! — gritou a velha.

Ouviu-se, logo a seguir, bster repetidamente no andar de cima em sinal de protesto.

— Ouviste Januário? Os vizinhos começam a escandalizar-se com o teu protegdol!

— Deixe-os lá. Nós teremos ocasião de retibiur-lhes, muito em breve decerto, quando eles começarem a

questionar. — E, como o animal não cessasse de ladrar, lembrou: — Eu vou bucar a panela do caldo. O cão come aqui mesmo.

— Aqu! Vais sujar tudo. Ou supões que me não custa esfregar a casa todos os quinze dias?

— Não suja, madrinha. Mas, se sujar, eu depois limpo tudo.

Januário foi buscar o jantar do cão, vindo-o comer apressadamente recomendava-lhe que não tivesse pressa, pois ninguém corria a perseguir-lo.

Quando terminou, chamou-o:

— Agora vamos à dieta.

Januário levou o cão para o quarto. A madrinha veio recomendar que tivesse cuidado. O animal devia estar cheio de pulgas, talvez tivesse mesmo alguma doença perigosa. O rapaz não se importou com as recomendações da velha. Deitou-se. O bcho, obedecendo às suas palavras, foi aninhar-se a seu lado.

Acordou, pela madrugada, com a casa cheia de ruídos ensurdecedores. O cão andava pelo corredor a ladrar como se tivesse visto diabo. E a seu lado, chamando-o a realidade, a madrinha, ainda tonta de sono, e agitada de indignação, gritava-lhe?

— Não se pode descansar! O teu mostrengo não deixa dormir ninguém! Há gente acordada em todos os andares. Ninguém pode repousar.

Januário chamou o animal, quis aquistá-lo, mas não o alcançou. O cão vadio, saudoso, provavelmente, da rua, continuava a ladrar sem descanso. Entretanto, ouvia-se bater à porta. Vozes reclamavam:

— Manda esse cão para a rua. Para a rua!

Januário enfiou as calças à pressa, desejo de fazer voltar o sossego a toda a casa.

— Põe-no na rua! — gritava a madrinha. — O ha que isto ainda pode dar mau resultado. E, eu não quero sarilhos com os vizinhos.

O cão teimava em ladrar sem medida. Batendo à porta, os vizinhos aumentavam os seus protestos. Enchendo-se de coragem, Januário decidiu se, então, a ir enfrentar a ira dos vizinhos. Que autoridade tinham



**AS RUGAS**  
DÃO O PIOR INIMIGO  
DA SUA BELEZA

ELIMINE AS SUAS, USANDO OS  
PRODUTOS ELECTRÍCOS  
**MIRABILIA**  
(LOÇÃO E CRÈME)



éles para se oporem aos ladrilos de um pobre cão? Nenhum. Encontrou o patamar apinhado de gente, assim como a escada. Cairam sobre ele gritos enérgicos:

— Queremos dormir! Põe esse cão na rua, Januário.

Preciam doidos de revolta, como se um enorme e grande perigo lhes ameaçasse a existência. Eram homens em camisola e ceroulas, mulheres mal acateladas em batas sujas, crianças choronas ou de olhos arregalados, para o acontecimento extraordinário. Ferviam os protestos.

— Põe o cão na rua! — pedía, atrás de si, a velha Genoveva.

— Não há motivo para isso, madrinha. Não vâ que ele já se calou?

— Vai recomear daqui a pouco! — berrou o Maldonado, que tinha uma carvoaria à esquinna e que todas as noites sovava a triste mulher, pondo o prédio em reboliço. — E, depois, que se cale! Não quero cães vadios na escada onde eu moro.

Ah! Não quer que vadios aqui, seu Maldonado? — gritou-lhe Januário algo provocante. — Também nós não queremos ter por vizinhos maridos arruicados.

— Que dizes, meu franganote? Que dizes?

Outras vozes se ouviram, teimosas:

— Manda o cão para a rua!

— Não mando!

— Não mandas? — berrou o Maldonado, dando um passo, em frente, para descer a escada. — Vou chamar a polícia, e, então, verás!

Ouviram-se apoiados; Januário estremeceu e as lágrimas chegaram-lhe aos olhos. Então, numa voz chorosa, pediu:

— Espere, seu Maldonado. Não chame a polícia...

Foi dentro e voltou com o cão nos braços.

— Que vais fazer? — perguntou-lhe a madrinha.

Vou também para a rua, como cão...

## HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as rupções ou ardência na pele.

Se vende em todas as farmácias e drograrias

Vicente Ribeiro & Carvalho  
da Fonseca, Limitada  
RUA DA PRATA, 237  
LISBOA



plano, traçando no mapa a grande ofensiva dos seus dois corpos cujos itinerários se entrecruzariam repetidas vezes, conforme indicou varrendo o mapa, em zigue-zague, com um feixe de luz da sua lâmpada. «Chamo-lhe o meu plano da bandeira nacional (Union Jack). Parece pouco acertado mas não creio que o outro tipo faça a menor idéia de onde estão as minhas forças. Julgo que dará resultado».

Deu resultado e quatro corpos de exército avançaram 300 milhas em 20 dias e estavam apenas a 20 milhas de Rangoon, quando a operação aero-transportada e anfíbia tomou a cidade pelo sul.

O «Tio Bill» tinha organizado, acarinhado e feito trabalhar o 14.º exército desde aqueles dias dolorosos em que se julgavam os japoneses reis da selva. Ele viu as possibilidades de Wingate e a necessidade de uma acção ofensiva mesmo só quando podia dispor de patrulhas para esse efeito. Acima de tudo viu a importância primordial do transporte aéreo. Viu nisso, exactamente, como Wingate tinha visto, a chave de todo o problema da Birmânia.

Pouco antes do ataque a Rangoon, o «Tio Bill» disse: «Nesta guerra todos os serviços têm que conhecer o trabalho uns dos outros. Há uma coisa que não suporto: é o obscurantismo encapotado acerca de assuntos chamados profissionais ou especializados. E como

dizer-se que só homens que tragam fôlhas de carvalho na botteira têm licença para trepar a essas árvores. Os meus oficiais têm que conhecer os serviços aéreos quer tragam asas no dolman quer não. Eu cá estou para conseguir que o façam».

No exército do general Slim, será difícil encontrar um soldado que não tenha voado. Por três ou quatro vezes, divisões inteiras mudaram de posição transportadas pelo ar, com canhões e tudo. Todo o avanço do exército a partir de Imphal foi concebido contando inteiramente com o reabastecimento pelo ar. O mesmo se deu com a defesa de Imphal e com os feitos de Wingate. A movimentação de brigadas, pelo ar, durante a batalha, era uma ocorrência quase diária na campanha da Birmânia Central e do Sul.

«No entanto, diz o general Slim, não peço aos meus homens que usem emblemas ou insígnias ou chapéus especiais por esse motivo. Ninguém anda a pregar uma quantidade de sinais no uniforme porque entra na batalha num transportador de canhões Bren ou num camion e não vejo motivo para que o façam porque são transportados para a batalha num avião. Quasi todos os meus homens já foram tropas aéreo-transportadas numa ocasião ou noutra. Nada há de especial nisso e aqueles que julgem que há enganam-se.»

O próprio general Slim vai para toda a parte pelo ar. Tem agora o seu avião pessoal, um bi-motor americano Beechcraft. Antes de chegar este avião, servia-se de qualquer que estivesse disponível, incluindo os pequeninos «Cub» L. 5.

O novo Beechcraft do general Slim tem agora tantas horas de voo como qualquer outro avião na frente de batalha. Tem grande fê no contacto pessoal com as suas tropas e vai visitá-las muitas vezes. A uma unidade que acabara de chegar disse êle: «Venho cá mostrar-lhes a cara, não porque tenha muita vaidade nela mas para vocês saberem quem dá as ordens e de quem terão de queixar-se se não gostarem delas».

\* \* \*

Se repararmos no emblema do 14.º exército veremos que a guarda da espada é curva e tem o feitiço de um «S». Esse «S» significa «Slim».

«Foi uma ninharia que eu lá meti», diz o «Tio Bill». Uma coisinha para mostrar que existe uma vez ligado ao 14.º exército.

O general Slim não tem necessidade de se preocupar a esse respeito. O exército que êle formou, treinou e conduziu à vitória trará sempre consigo muito mais da personalidade de Slim do que a sua inicial disfarçada como guarda da espada. Êle imprimiu nesse exército o seu carácter e já passou a ser uma das suas tradições.



No Egipto milenario dos faraós, duas reparigas dos Serviços Auxiliares do Exército inglês observam, com curiosidade, a estranha arquitectura de uma velha mesquita.

## MRS. CHURCHILL

(Continuação da página 11)

êxito que já teve foi o seu ar afável, o seu encanto e a sua amabilidade despretentosa. Os moscovitas admiraram especialmente nela a sua figura alta e elegante, o seu cabelo grisalho de caracóis apertados envolta da cabeça e os seus vestidos simples e bem escolhidos. As mulheres da Grã-Bretanha são da mesma opinião, especialmente quando vêem Mrs. Churchill envagando com chique um casaco de há dois anos e compreendem que a sua luta para conseguir que 48 coupons para vestuário durem 13 meses não difere do que lhe sucede a elas próprias. A razão porque ela consegue isto com tanta felicidade é que tem um sentido do que lhe fica bem que é quasi francês e também uma resolução enérgica. A essa resolução deve ela o facto de ter aprendido a andar de ski — e a andar bem — numa idade em que a maior parte das mulheres declinam levar vida menos activa (ela já era uma excelente jogadora de tenis) e também, provavelmente, a sua capacidade para se aguentar contra o Sr. Churchill no bezigue de 6 baralhos, de que ela gosta muito. Mrs. Churchill é, porém,

acima de tudo, uma dona de casa embora, como mulher de um politico que ora está ora não está no poder, tenha tido que aprender a mudar de casa de um dia para o outro.

Vai agora ter mais tempo ao seu dispor e provavelmente a sua organização preferida — a maternidade de Fulmer Chase, agora instalada numa admirável casa de campo — é a que mais benefícios colherá. Logo no principio da guerra Mrs. Churchill compreendeu que as mulheres dos oficiais subalternos de poucos meios, que precisavam encontrar uma casa de primeira ordem para onde podessem ir quando esperassem os seus bebês, estavam a passar um mau bocado e a preocupar-se com isso. A maternidade por ela fundada contribuiu muito para resolver o problema para muitas destas mulheres e a parte com que ela contribuiu para esse fim talvez seja o testemunho de reconhecimento pela sua própria felicidade da parte duma mulher cujo marido terminou um dos seus livros com esta amabilidade encantadora: «e então casei e passei dali em diante uma vida inteiramente feliz.»

Sem água  
Sem demora

## A INDIGESTÃO

Vai-se embora!

UMA DOR    2 RENNIES    UM SORRISO

Quando a indigestão lhe dá a «facada» no estômago e lhe aperta o coração, quere alívios — e quere-os depressa! Pode estar a quilómetros de distância de casa e, certamente, não sentirá vontade de sofrer até lá chegar.

Fois, na verdade, não necessita de sofrer tanto. Basta meter a mão na algibeira do colete ou na malinha de mão, se tiver tido o cuidado de lá ter metido algumas pastilhas de Rennie, que são embrulhadas em separado, para assim poderem ser transportadas. Chupe duas, uma a seguir à outra. Em poucos minutos as Rennies terão neutralizado o excesso de ácido do estômago, causa da indigestão!

Nem demoras, nem colheiras, nem copo de água. Sem mesmo dar por tal, as dores do estômago, a sensação de queimadura terão desaparecido. Voltará a estar senhor de si. Compre um pacote na sua farmácia, ainda hoje.

RENNIES



# A URBANIZAÇÃO DA GRÃ-BRETANHA

(Continuação da página 15)

E deste modo que veio a generalizar-se a convicção de que, no próprio interesse da nação, deverá adoptar-se uma política de descongestionamento. Há que encontrar meio de evitar que as indústrias venham aumentar ainda mais o tamanho das grandes cidades e de induzir os grandes estabelecimentos, tal como bancos, companhias de seguros e outras semelhantes, que têm elevado número de empregados, a descentralizar o seu trabalho, comprindo ao governo central tomar as medidas necessárias para que a mobilização se faça sem prejuízo para as indústrias e os negócios abrangidos. Há também que atender às necessidades humanas daqueles que tiverem de desenraizar-se do meio em que estavam habituados a viver e a se virem obrigados a adaptar-se a condições muito diferentes. A urbanização de áreas onde devem instalar-se novas populações tem de conformar-se com conceitos mais esclarecidos sobre a vida, tanto pessoal como em comunidade, do que os que tinham no passado.

## Novos problemas administrativos

Estamos no alvorecer de uma nova era. A influência do pro-

gresso da educação faz-se sentir na exigência nascente de que sejam proporcionadas a todas as classes as oportunidades para compartilhar interesses reservados até aqui a uma só. O crescente domínio da humanidade sobre a produção mecanizada está a libertar muitos homens de horas excessivas de trabalho e temos que aprender a utilizar as nossas novas horas de ócio que talvez tendam a aumentar. O absurdo de se desperdiçarem duas ou mais horas por dia no trajecto entre a casa e o trabalho em combóios abarrotados começa a impressionar os que estão sugritos a esse inconveniente. Para mais, os ingleses têm também um amor extraordinário pelas flores e pelos jardins. Da nostalgia irresistível de uma casinha e de um bocadinho de terra resultaram, no passado, algumas das mais horríveis profanações da paisagem visto que, no seu desejo de satisfazer os anseios de todos, os especuladores da construção civil cobriram vastas áreas de casinhas com pequenos jardins, sem plano de conjunto e sem gosto, criando, amídiu, novos problemas sociais e administrativos.

A questão apresenta-se de resolução muito complicada. Da quantidade imensa de gente que foi deslocada das cidades mais duramente bombardeadas para áreas mais seguras, a maioria deseja voltar para as suas casas, mas alguns descobriram as vantagens da vida numa comunidade mais compacta. As repartições governamentais que têm grande número de empregados de carteira devem procurar alojá-

-los de maneira permanente fora de Londres. Algumas companhias de seguros, bancos e outros grandes estabelecimentos comerciais estão dispostos a fazer o mesmo. Isto quer dizer, porém, que terão de vencer-se imensas dificuldades de ordem pessoal. É indispensável construir casas nas áreas onde se propõe instalar essa gente, provê-las de escolas para a nova população, alargar os serviços médicos, atender às necessidades sociais e culturais dessa gente, visto que aqueles que estão habituados, por exemplo, a ter à mão, em Londres, teatros e salas de concerto, não desejam ver-se privados destas amenidades. Não será fácil a assimilação da nova população com a que já existia nas áreas para onde se transferiram e é preciso não esquecer que, apesar de todas as suas desvantagens, uma grande cidade, como Londres, Birmingham ou Glasgow, oferece uma maior diversidade de empregos por onde escolher do que outra cidade mais pequena, melhores condições de promoção e, para as mulheres, maiores possibilidades de fazer bons casamentos.

# Os bichos e o homem

(Continuação da página 27)

«droga» fácil para evitar a procriação de espécie felina.

Depois afirma, com razões tão ponderosas como as que, contrariamente, o gato possui, que os felinos não aceitam a coleira, como o cão, nem a gaiola como o grilo, nem o poleiro como o piquete. Tal qual.

Que admiráveis, dizemos nós, nos parecem os gatos, que entre outras virtudes têm a compreensão da liberdade.

Se a pessoa que protesta contra os gatos soubesse que o falecido João Franco se gabava de, nos seus tempos de escola, em Coimbra, haver extinguido à maldade algumas centenas de «bichanos», de certo não aconselharía para eles a coleira, a gaiola, o poleiro, e não os consideraria traçoiros. Lamentava-os Estabeleceria um encontro entre o gato e o homem e o corolário não seria, com certeza, favorável ao género humano.

Mes se a solução da domesticidade do gato está no uso da coleira ou de poleiro, faça-se, por experiência, a aplicação de uma ou de outra. Talvez assim o problema fique definitiva e facilmente resolvido.

E pode, até, suceder que os gatos venham a igualar-se aos homens; pois a alguns destes não desagradaria a coleira e os outros o poleiro é o lugar ambicionado em que se julgam gente.

## OATINE



Os célebres cremes ingleses — OATINE SNOW, e OATINE CREAM — de fama Mundial, que restauram e mantêm o encanto juvenil da pele

### Outros produtos OATINE

Perfumes — Sharong Bouquet  
Sabonetes  
Lavender Water e Eau de Cologne.  
Pó d'Arroz  
Creme de BARBEAR, com e SEM PINCEL.  
Loção para DEPOIS de barbear, etc.

À venda nas  
boas casas

OS CÉLEBRES CREMES  
INGLESES



## A SOLUÇÃO DE FOTO-CRIME

**R**EPAREM na posição de Lesley Roland em relação ao auscultador. Se ela tivesse perdido os sentidos na altura em que fizera a chamada para a polícia, como iria o auscultador cair ao lado oposto àquela em que ela estava, tomando em consideração a situação do seu corpo quando o inspector entrou?

Por outro lado, o livro de cheques não estaria assente sobre o fio telefónico, pois que se alguém tivesse feito uma chamada, do outro lado da secretária, o livro teria sido deslocado pelo próprio fio e não estaria na posição correcta para escrever. Sendo assim, havia sido posto depois.

Desconfiado pois que a cena havia sido preparada, o inspector Cobbe deteve Lesley Roland que, depois de apertados interrogatórios, confessou que matara, preparando em seguida o ambiente, esquecendo-se destes pequenos pormenores que demonstraram a sua culpabilidade.

## O QUE FEZ MOUNTBATTEN

(Continuação da página 8)

mandante Supremo de uma grande força britânica naval e terrestre.

No princípio da segunda guerra mundial, Mountbatten assumiu o comando da 5.ª flotilha de contratorpedeiros e os seus efeitos o bordo do «Kelly», acabado de construir, provaram que era um comandante valoroso e hábil. Quando o seu navio embateu numa mina, na costa da Noruega, trouxe-o para reparações a um porto britânico, ao fim de uma viagem que durou noventa e uma horas, a reboque de outro contratorpedeiro. Voltou de novo ao Mar do Norte, onde este mesmo barco foi torpedeado. Recusando-se a abandonar-lo, tomou o rumo da Grã-Bretanha, trazendo o seu navio avariado debaixo de um bombardeamento contínuo que durou três dias e três noites. Na terceira ocasião, o «Kelly» teve menos sorte pois, em 23 de Maio de 1941, no mar açedo da luta na costa da ilha de Creta, acertou-lhe uma bomba pela última vez. Mountbatten e a sua tripulação passaram várias horas na água antes de serem salvos.

Depois de uma temporada no porta-aviões «Illustrious», Mountbatten foi nomeado para um posto que influiu poderosamente em toda a conduta da guerra. Foi nomeado Consultor para as Operações Combinadas e, em Março de 1942, foi promovido a Chefe das Operações Combinadas, tendo a seu cargo encontrar o meio de invadir a Europa. «Não podemos vencer», disse ele, «a

não ser que os nossos soldados sejam transportados por mar, escoltados pela Real Força Aérea seja, de facto, por meio de uma operação combinada». Os ataques a Vaagso, Bruneval, St. Nazaire e a outros pontos foram apenas o prelúdio do assalto final. Mas não se limitou a elaborar planos — entrou pessoalmente em vários ataques e submeteu-se aos rigores completos de trenos dos Comandos. «De nada serve dizer a esses rapazes que façam coisas que não sejam capazes de fazer também», disse ele.

Em Agosto de 1943, Mountbatten foi nomeado Comandante Supremo do Sueste da Ásia e o êxito subsequente da Campanha da Birmânia deve-se à sua extraordinária habilidade táctica e à sua prontidão em tomar decisões rápidas. Foi a sua decisão de romper com todas as regras de guerra na selva travando combate durante o tempo das chuvas, a Monção da Índia, que apanhou os japoneses descalços e levou-os eventualmente à derrota. O transporte aéreo da 7.ª e da 5.ª divisões, desde Arokan, mudou todo o aspecto da batalha de Imphal e, mais tarde, a operação anfíbia de Rangoon deu claramente a conhecer o que estava para suceder.

Gênio inventivo, grande bravura pessoal e extraordinária habilidade táctica, tais são algumas das características do homem que é o Comandante Supremo do Sueste da Ásia.



# VOZ DE LONDRES

## ALA

### O MUNDO ACREDITA

A B. B. C. festejou os dias da Vitória, mas os seus serviços continuaram sem parar.



Um dos editores chefes escolhe as notícias a incluir nos noticiários para a Europa



A redacção de boletins de notícias para a Europa

A B. B. C. de Londres iluminada para celebrar a vitória das Nações Unidas



Um comentador francês descreve as manifestações de alegria no dia da vitória







**MONTGOMERY, NO CAVALO  
EM QUE ROMMEL PRETEN-  
DIA ENTRAR NO CAIRO**

**MUNDO  
GRAFICO**